



Concepções caricaturais da corrupção no Rio Grande do Sul do século XIX

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

72



UNIVERSIDADE
ABERTA
www.uaab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



Concepções caricaturais da corrupção no Rio Grande do Sul do século XIX



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Concepções caricaturais da corrupção no Rio Grande do Sul do século XIX



CIPSH
INTERNATIONAL COUNCIL FOR PHILOSOPHY AND HUMANISTIC STUDIES
CONSEIL INTERNATIONAL DE LA PHILOSOPHIE ET DES SCIENCES HUMAINES

UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Concepções caricaturais da corrupção no Rio Grande do Sul do século XIX
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 72
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Abril de 2024

ISBN - 978-65-5306-004-3

CAPA: O DIABRETE. Rio Grande, 11 jun. 1880.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

A prática de atos corruptos foi um tema recorrente nas publicações ilustradas e humorísticas, as quais apareceram como críticas contumazes dos desmandos da vida pública no âmbito nacional, regional e local. A “corrupção na vida pública é o uso do poder público para proveito, promoção ou prestígio particular, ou em benefício de um grupo ou classe”, de maneira “que constitua violação da lei ou de padrões de elevada conduta moral”¹. Ela “designa o fenômeno pelo qual um funcionário público é levado a agir de modo diverso dos padrões normativos do sistema, favorecendo interesses particulares em troca de recompensa”. Traz também o significado da “transação ou troca entre quem corrompe e quem se deixa corromper”, tratando-se “normalmente de uma promessa de recompensa em troca de um comportamento que favoreça os interesses do corruptor”. Nesse sentido, a corrupção, seja aquela surgida “em um sistema em expansão e não institucionalizado”, ou ainda a que ocorre “em um sistema estável e institucionalizado”, aparece como “um

¹ AIKIN, Charles. Corrupção. In: SILVA, Benedicto (dir.). *Dicionário de Ciências sociais*. 2.ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1987. p. 278.

modo de influir nas decisões públicas”, ferindo “no íntimo o próprio sistema”².

Ao aparecer como um “tipo privilegiado de influência, reservado àqueles que possuem os meios de exercê-la”, a corrupção “conduz ao desgaste do mais importante dos recursos do sistema, sua legitimidade”³. A sua “incidência aumenta ou diminui a partir de uma inter-relação entre política e cultura”, de modo que “continuidades em certo padrão cultural afetam o sistema político, assim como mudanças na organização política afetam o sistema de crenças de valores”⁴. Nessa linha, “a corrupção seria a causa e a consequência do baixo desempenho do sistema”, promovendo a “redução da confiança dos cidadãos nas instituições, no governo e em sua capacidade de solucionar problemas”⁵.

Em se tratando do caso brasileiro, desde a época colonial, muitos funcionários públicos “não desperdiçaram chances de cultivar ganhos paralelos”, de modo que, se tornou, entre eles, “natural a recepção de ganhos no exercício de funções”, vindo essas atitudes a

² PASQUINO, Gianfranco. Corrupção. In: BOBBIO, Norberto *et al* (dir.). *Dicionário de Política*. 4.ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992. v. 1. p. 291-293.

³ PASQUINO. p. 293.

⁴ AVRITZER, Leonardo. Governabilidade, sistema político e corrupção no Brasil. In: AVRITZER, Leonardo & FILGUEIRAS, Fernando (orgs.). *Corrupção e sistema político no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 46-47.

⁵ MENEGUELLO, Rachel. O lugar da corrupção no mapa de referências dos brasileiros: aspectos da relação entre corrupção e democracia. In: AVRITZER, Leonardo & FILGUEIRAS, Fernando (orgs.). *Corrupção e sistema político no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 64.

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

compor “o universo cultural em diversas escalas”. Tais atos foram alvo de “condenação”, não escapando “da matéria de muitas crônicas, sátiras e sermões, cartas e pareceres”⁶. Já no período imperial, notadamente a partir dos momentos de decadência do regime, já nos anos 1880, “o Império seria assolado por questões que inaugurariam uma nova agenda de acusações, estando na linha de frente a própria idoneidade do sistema”. Nesse sentido, “o conceito de corrupção está vinculado ao ato de ‘corromper’ e à ação de ‘subornar’” e o modelo monárquico passou a ser “caracterizado por esse tipo de prática”. Dava-se a partir de então uma fase “em que o monarca e seu governo mostravam fragilidades” e “uma série de casos começava a aparecer na imprensa e causava escândalo”⁷. Tal processo teve continuidade na época republicana e, ainda ao final do século XIX, “as acusações de corrupção dirigidas ao Império e à Primeira República se referiam principalmente ao sistema”, de maneira que “corruptos eram os sistemas, monárquico ou republicano, por serem, na visão dos acusadores, despóticos, oligárquicos, e não promoverem o bem público”. Nesse quadro, “a reação mais lúcida à

⁶ FIGUEIREDO, Luciano Raposo. A corrupção no Brasil Colônia. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMARÃES, Juarez & STARLING, Heloisa Maria Murgel (orgs.). *Corrupção: ensaios e críticas*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 177-178.

⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. Corrupção no Brasil Império. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMARÃES, Juarez & STARLING, Heloisa Maria Murgel (orgs.). *Corrupção: ensaios e críticas*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 192.

corrupção envolve, sim, o comportamento individual, mas o enquadra em perspectiva política e sistêmica”⁸.

Nesse contexto, “os casos de corrupção que surgiram no final do período imperial são um sintoma muito grave da saúde política daquele sistema”, e, já sob a nova forma de governo, “o termo corrupção continuou a ser usado como uma crítica ao sistema de governo”⁹. Em um primeiro momento, eram “os representantes da coroa que se apropriavam dos bens enquanto no período da independência e primeira república era sob o sistema que recaíam as acusações de práticas ilícitas”. As infrações cometidas “por funcionários públicos” estariam associadas “à moral e não a um desvio de comportamento da função que lhes foi atribuída”¹⁰.

Tais atos ilícitos foram amplamente divulgados em meio aos variados representantes das atividades jornalísticas, nas mais diversas partes do país, como foi o caso das denúncias apontadas nas páginas da imprensa ilustrada voltada ao humor. Nesse sentido, “a corrupção, tema tão frequente na história” da imprensa brasileira, “foi também muito representada na caricatura”, em um

⁸ CARVALHO, José Murilo de. Passado, presente e futuro da corrupção brasileira. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMARÃES, Juarez & STARLING, Heloisa Maria Murgel (orgs.). *Corrupção: ensaios e críticas*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 200-201.

⁹ BIGNOTTO, Newton. Corrupção e opinião pública. In: AVRITZER, Leonardo & FILGUEIRAS, Fernando (orgs.). *Corrupção e sistema político no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 16.

¹⁰ BIASON, Rita de Cássia. A corrupção na História do Brasil: sentidos e significados. In: *Revista do CGU*, v. 11 n. 19, abr.-jul. 2019. p. 81.

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

quadro pelo qual, “o foco se concentrou, na maior parte das vezes, na vida política, a partir da qual, conforme as circunstâncias, foram figurados” os mais diversos elementos constitutivos da vida pública nacional. Em sua ação, “ao exagerar e/ou distorcer aspectos”, a caricatura “os ilumina, mas também confunde e pode ser um eficaz instrumento de combate político”¹¹.

¹¹ LUSTOSA, Isabel. Caricatura. In: AVRITZER, Leonardo; BIGNOTTO, Newton; GUIMARÃES, Juarez & STARLING, Heloisa Maria Murgel (orgs.). *Corrupção: ensaios e críticas*. 2.ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 234-235.

SUMÁRIO

***A Sentinela do Sul* e as denúncias de conluíus políticos contra o Rio Grande do Sul à época da Guerra do Paraguai: breve incursão ao tema / 17**

A corrupção nas páginas da imprensa ilustrada e humorística sul-rio-grandense nas três décadas finais do século XIX / 35

***A Sentinela do Sul* e as denúncias de conluios políticos contra o Rio Grande do Sul à época da Guerra do Paraguai: breve incursão ao tema**

Ao longo de sua história, a Província do Rio Grande do Sul empreendeu uma prática de denunciar possíveis perseguições por parte do governo central para com a mais meridional unidade administrativa brasileira. Um dos pontos altos desse processo ocorreu durante a Revolução Farroupilha, na qual seus promotores sustentaram a construção discursiva em torno de todos os sacrifícios que os sulinos faziam em prol do império, mormente quanto à guarnição das fronteiras, mas, mesmo assim, seus interesses ficariam prejudicados, tendo em vista a representação no parlamento nacional, considerada insuficiente, a centralização político-administrativa em detrimento de uma maior autonomia provincial e a falta de um protecionismo mais incisivo para a produção pecuário-charqueadora gaúcha, em relação aos produtos platinos da mesma natureza. Tais fatores foram tão relevantes que chegaram a constituir alguns dos motivos que levaram os sul-rio-grandenses a pegar em armas, promover uma revolução, fundar uma república, rompendo com o Estado Imperial e mantendo quase uma década de guerra civil.

O fim da Revolução de 1835-1845 não significou o encerramento de tais reivindicações que, com uma ou outra variação, persistiram nas décadas seguintes. Um dos pontos altos de permanência foi a questão do Rio Grande do Sul como baluarte da fronteira meridional do Brasil, não só guarnecendo a zona lindeira, mas participando ativamente dos conflitos nos quais o Império Brasileiro se envolveu contra seus vizinhos platinos. Significativa parte das lideranças militares brasileiras e do contingente militar era oriunda das terras gaúchas, notadamente a partir da expertise de tais combatentes nos enfrentamentos bélicos da região. Mas, por outro lado, havia também o interesse das oligarquias rio-grandenses no além-fronteiras, ainda mais no caso uruguaio, onde muitos deles tinham posses, além da questão da busca da hegemonia subcontinental em relação à Argentina. O mais grave dos conflitos platinos nos quais se envolveu o império tropical foi a Guerra do Paraguai, na qual, mais uma vez, os sul-rio-grandenses tiveram representativa participação, fosse no oficialato, fosse na soldadesca.

A Guerra da Tríplice Aliança, ao contrário dos demais confrontos platinos exercidos pelo império, em geral breves no cronológico, teve uma duração inesperada, arrastando-se em seu cômputo geral por mais de um lustro e trazendo custos materiais e humanos, além de um reaparelhamento bélico não calculados às vésperas do conflito. Nesse contexto, as manifestações reivindicatórias do Rio Grande do Sul voltavam a se fazer fortes. A construção discursiva se orientava mais uma vez na direção do esforço de guerra dos gaúchos, propalando-se que o mesmo seria mais do que redobrado em relação a outras províncias,

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

principalmente as centrais. Era apontado, por exemplo, o demasiado número de indivíduos retirados de suas lides campeiras, para atuarem como soldados, trazendo prejuízos socioeconômicos para a província sulina. Também se criticava a suspensão dos processos político-eleitorais na província, criando um hiato nas representações provincial e nacional. Havia ainda a perspectiva pela qual o Rio Grande do Sul seria a unidade administrativa que maior risco corria, por causa de sua posição fronteiriça, tanto que já havia sido invadido nos primórdios do conflito com os guaranis, de modo que, além dos receios de novas incursões dos paraguaios, também persistiam algumas dúvidas quanto à aliança com uruguaio e argentinos que, se rompessem com a Tríplice Aliança, poderiam colocar os sulinos brasileiros como alvo.

Apesar disso, os rio-grandenses-do-sul não conseguiam observar providências que atenuassem tal situação de parte do governo central, além de observarem supostos privilégios concedidos a outras províncias que, além de tudo, estariam usufruindo de uma posição considerada confortável, por estarem distanciadas do cenário da guerra. Além da inconformidade, surgiam também dúvidas e acusações de conluio políticos que beneficiariam outras regiões, em detrimento da província mais meridional do Brasil. A imprensa gaúcha foi uma das principais difusoras de tal ideário, e, em meio a esse conjunto de jornais, destacou-se *A Sentinela do Sul*, o primeiro periódico

ilustrado e humorístico voltado à arte caricatural a ser editado no Rio Grande do Sul¹².

Precursora do periodismo caricato sul-riograndense, *A Sentinela do Sul* foi editada em Porto Alegre, entre julho de 1867 e a virada de 1868 a 1869. Em seu frontispício, o semanário informava que tinha “redatores diversos” e apresentava-se como “jornal ilustrado, crítico e joco-sério”. A publicação tinha um padrão gráfico de significativa qualidade e, apesar de estabelecer uma óptica crítica, como era típico de seus congêneres, manteve uma postura mais moderada em relação aos mesmos. Em seu programa dizia que “a crítica é naturalmente” o seu “elemento principal”, sem passar “das raias da justiça e da honestidade” e embasada na “razão e nos limites da decência”. Já a caricatura era considerada como o seu “sal ático”, que, “em tom joco-sério” diria “muitas verdades”, permanecendo “fiel ao antigo princípio *ridendo castigare mores*”, de modo que viria a se esforçar, por “desenhos e palavras, para castigar o crime, a hipocrisia, a ignorância e a vilania” (*A SENTINELA DO SUL*, 7 jul. 1867). A redação da *Sentinela* era representada pelo “Redator”, homem maduro responsável pela escritura das matérias,

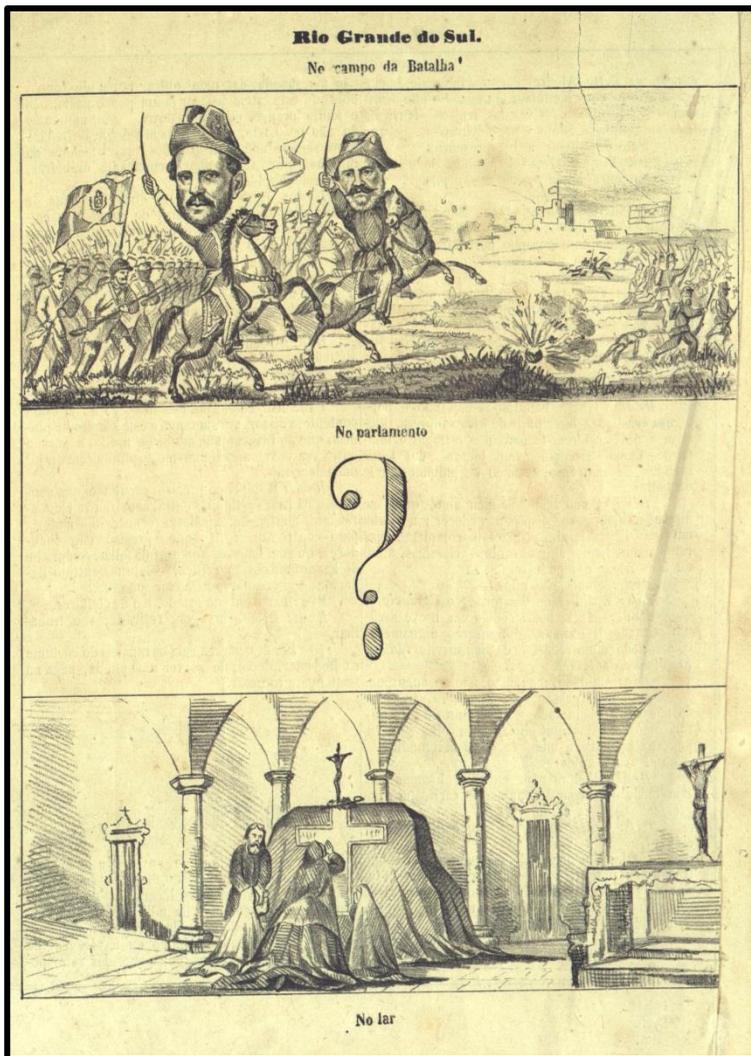
¹² Sobre *A Sentinela do Sul*, ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 13-27.; ALVES, Francisco das Neves. *O primeiro periódico caricato sul-riograndense e as imagens do feminino (Sentinela do Sul, 1867-1868)*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-14; e ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-11.

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

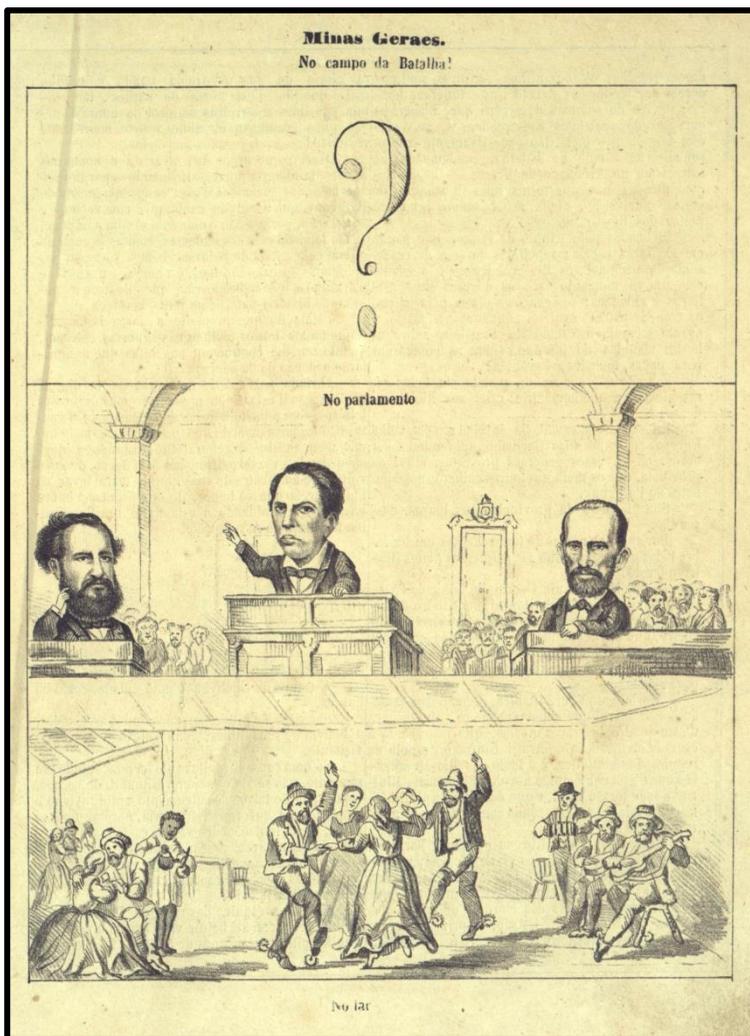
mantendo um tom mais moderado, e pelo “Piá”, um jovem negro, que buscava coletar as notícias, deslocando-se pela cidade, e dando um ar mais crítico em suas manifestações.

A Guerra do Paraguai foi um dos temas mais recorrentes nas páginas da *Sentinela*, tanto que o próprio periódico se propunha a se esforçar “para dar aos seus leitores não só os retratos e biografias dos pró-homens da época e da situação guerreira, mas também vistas do teatro da guerra” (A SENTINELA DO SUL, 7 jul. 1867). Em meio à abordagem da Guerra da Tríplice Aliança, a publicação humorística e ilustrada participou da campanha em defesa dos interesses sul-rio-grandenses, sustentando a existência de supostos conluios políticos contra o Rio Grande do Sul e a favor de outras províncias.

Já em sua primeira edição, o periódico publicava um quadro comparativo imagético, entre as províncias do Rio Grande do Sul e a de Minas Gerais. No que tange ao campo de batalha, ou seja, a presença efetiva no teatro da guerra, a folha mostrava a grande presença dos gaúchos, ao passo que, quanto aos mineiros, aparecia apenas uma interrogação, no sentido de que o confronto não chegava até aquela província sem fronteiras externas ou litoral. Já quanto às ações parlamentares, elas seriam plenamente ativas em Minas, restando desta vez a interrogação para os sulinos, pois na província as ações políticas foram suspensas. Finalmente, na perspectiva do “lar”, o que prevalecia no Rio Grande do Sul era o luto, com pais, mães e filhos perdendo seus entes queridos no seio da guerra, ao passo que os mineiros tinham amplo espaço para as festividades, com dança, música e cantoria (A SENTINELA DO SUL, 7 jul. 1867).

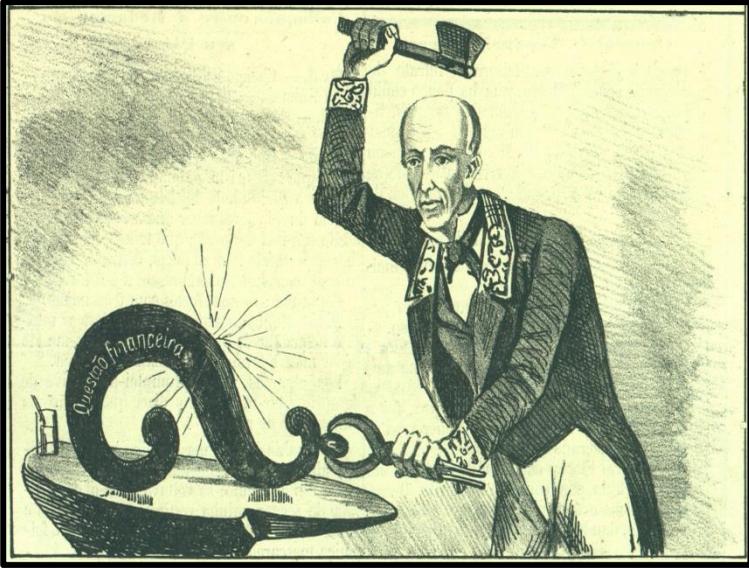


CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



As comparações voltariam à pauta do semanário, desta vez em relação ao Rio de Janeiro, no qual as atividades permaneciam plenas no Senado e na Câmara de Deputados, enquanto, no Rio Grande do Sul, acumulavam-se as pendências e adiavam-se importantes decisões, tendo em vista a suspensão das lides parlamentares (A SENTINELA DO SUL, 21 jul. 1867). A política governamental era criticada pelo periódico, ao mostrar um governista que intentava trabalhar a “questão financeira” na bigorna, utilizando-se do instrumental errado, pois, ao invés do malho, aparecia um machado. As dúvidas do hebdomadário quanto ao encaminhamento da economia nacional, inclusive com prejuízos para o Rio Grande do Sul eram traduzidas também pela forma empregada para designar a “questão financeira”, ou seja, um ponto de interrogação, além da legenda que dizia: “Nada é mais difícil do que tornar direito aquilo que está torto” (A SENTINELA DO SUL, 1º mar. 1868). O mesmo personagem político aparecia na capa da revista humorística, sob o olhar do Redator e do Piá, sendo atacado por uma figura feminina identificada com a opinião pública, que o estrangulava. Enquanto o Piá pergunta qual cena era aquela, o Redator respondia que era “a opinião pública que luta com a grande potência da atualidade”. Ele surgia também no “circo olímpico político”, tal qual um bobo da corte, buscando sustentar o ministério, com grande dificuldade, não aguentando o peso e reclamando que “a carga é muito pesada” (A SENTINELA DO SUL, 15 mar. 1868).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



As desconfianças dos sul-rio-grandenses para com os aliados platinos ficaram manifestas em ilustração na qual a *Sentinela* mostrava o indígena - representação do povo brasileiro - em meio a dois *gauchos*, cada um deles designando os uruguaios e os argentinos, de braços dados com eles. Apesar do ambiente harmônico

que o registro imagético propunha, a dúvida ficava latente na legenda: “O Brasil, a República Oriental e a Confederação Argentina, são amigos... no Paraguai”, revelando os limites do acordo e os receios dos gaúchos – que tinham bem mais conhecimento de causa do ambiente subcontinental – em relação a um possível rompimento por parte dos demais membros da Tríplice Aliança (A SENTINELA DO SUL, 8 mar. 1868).



Com a inscrição “índoles provinciais”, a *Sentinela* promovia mais uma comparação, desta vez com duas damas representando as províncias a receber seus súditos. A do Rio Grande do Sul, em pé e com ar severo, dava ao seu vassalo – ajoelhado em sinal de respeito e patriotismo – uma espada e uma lança, de modo que ele pudesse cumprir seu papel no cenário da guerra. Já a de Minas Gerais, serena e calmamente sentada, entregava um doce para seu súdito. De um lado armas, de outro,

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

guloseimas, bem de acordo com aquilo que folha denunciava quanto aos diferentes tratamentos em prejuízo dos sulinos (A SENTINELA DO SUL, 8 mar. 1868). O paralelo entre províncias foi retomado pela publicação, ao trazer os dois personagens que representavam a redação, olhando com estranheza para duas caixas, uma destina à Minas Gerais, carregada de medalhas e outra, para o Rio Grande do Sul, repleta de armas. Nesse quadro, o Piá olhava para as condecorações para Minas e armas para o Rio Grande, perguntando se não haveria engano, ao que o Redator respondia que não havia o que estranhar, pois seria “assim mesmo”, já que “no Rio Grande não há eleições” (A SENTINELA DO SUL, 17 maio 1868).





Essa última ilustração seria um dos temas do “Colóquio entre o Redator e o seu Piá”, seção recorrente nas páginas da *Sentinela*, que apresentava um diálogo entre os dois personagens e nessa conversa ficava uma síntese das denúncias do periódico acerca dos supostos prejuízos que o governo central estaria a promover contra o Rio Grande do Sul:

Red. - Que tais foram as notícias do vapor?

Piá - Excelentes, o governo praticou um ato de suma justiça...

Red. - Qual foi: Mandou proceder às eleições nesta província, para restituir-nos o gozo dos nossos direitos constitucionais?

Piá - Não senhor.

Red. - Ou mandaria conceder uma etapa diária às famílias desvalidas dos soldados rio-grandenses em campanha?

Piá - Não senhor.

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

Red. - Ou então instituiria provisoriamente uma tarifa especial para as nossas alfândegas, para proteger a produção e exportação da província, que tantos soldados lhe fornece?

Piá - Ainda não, senhor.

Red. - Ah, então já sei: mandou sem dúvida isentar a província do Rio Grande, que tantos sacrifícios fez, do pagamento do imposto pessoal?

Piá - Menos, senhor.

Red. - Criaria talvez uma distinção honorífica especial para a nossa valente cavalaria, que tomou trincheiras inimigas com a lança em punho?

Piá - Tão pouco, senhor.

Red. - Ou bem talvez viesse afinal fornada grossa de graças e mercês para as pessoas que nesta província prestaram relevantes serviços em relação à guerra?

Piá - Nada, houve fornada sim, mas foi para Minas, e está é a notícia mais importante que o paquete nos trouxe!

Red. - Ó homem, graças e mercês para Minas?

Piá - É verdade, não houve comandante superior daquela província que não tivesse a sua comenda.

Red. - Provavelmente por causa do extremo cuidado que têm conseguido reterem em suas respectivas localidades os corpos do seu comando, sem deixarem marchar um só homem?

Piá - Não senhor, não foi por causa da Guerra, com que Minas não se importa, mas sim porque a guarda nacional distinguiu-se e trabalhou bem na eleição (...).

Red. - Com efeito, e por isso mandaram uma carregação de condecorações para Minas?

Piá - Pudera não.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

Red. - E para o Rio Grande não virá também alguma condecoração?

Piá - De graças e mercês, certamente que não; mas dizem-me que no arsenal da corte estão encaixotando espadas e espingardas que pretendem mandar ao Rio Grande para se organizar com o resto dos nossos homens válidos corpos de proteção às fronteiras, que poderão ser ameaçadas por algum movimento *blanquillo* no estado vizinho.

Red. - É muita bondade, vou conversar com o nosso desenhador, para que ele comemore com uma estampa esta justa e equitativa distinção de *graças*." (A SENTINELA DO SUL, 17 maio 1868)

As reivindicações por melhor tratamento e as desconfianças quanto a privilégios foram uma constante entre as unidades administrativas brasileiras. Tal processo foi ainda mais enfático no Rio Grande do Sul que historicamente se considerou prejudicado em relação ao todo nacional. Nesse sentido, havia as queixas contra as estruturas institucionais que poderiam dar legitimidade a tais diferenciações, mas também a acusação contra os conluíus e tramoias políticas que, aberta ou subliminarmente possibilitariam tratamentos díspares, privilegiadores ou não, surgindo então as denúncias contra esse tipo de corrupção. A Guerra do Paraguai serviria de ambiente para que se renovassem os descontentamentos gaúchos, que mais uma vez levantavam a bandeira de todos os propalados sacrifícios realizados em nome da pátria, sem que houvesse qualquer reconhecimento ou vantagem para compensar tais esforços. Já nessa época era comum a tendência pela qual relevante parcela da população considerava a "corrupção como uma marca de nossa

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

vida pública”¹³ e a imprensa teria um papel importante em promover essa percepção junto à opinião pública. Nessa linha, *A Sentinela do Sul* intentou defender ardorosamente os interesses sul-rio-grandenses, incorporando em suas páginas o sentimento de perseguição e de pouco caso do governo central, o qual não estaria correspondendo a contento com o papel que a província sulina e seus habitantes consideravam quanto ao seu desempenho no cenário de guerra.

¹³ BIGNOTTO, Newton. Corrupção e opinião pública. In: AVRITZER, Leonardo & FILGUEIRAS, Fernando (orgs.). *Corrupção e sistema político no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 15.

A corrupção nas páginas da imprensa ilustrada e humorística sul-rio-grandense nas três décadas finais do século XIX

A crítica política, a de cunho social e à voltada aos costumes foram marcas registradas da imprensa ilustrada satírico-humorística sul-rio-grandense voltada à divulgação da arte caricatural. Os periódicos caricatos atingiram significativa popularidade, conquistando um público leitor interessado em uma prática jornalística diferenciada e até alternativa em relação à dita imprensa séria, normalmente representada pelos jornais diários, em geral mais formais e sisudos, muitas vezes preocupados com a realização de uma autocensura, no sentido de manter uma regularidade discursiva que garantisse o seu rol de assinantes e a inclusão de matéria publicitária. Como representantes da pequena imprensa, os caricatos tinham de oferecer um produto diferenciado e, para tanto, não criaram para si tantas peias, permitindo-se manifestações mais expansivas, com especial atenção para a prática da crítica e de estratégias discursivas em torno da ironia, do sarcasmo e da jocosidade. Além disso, tais folhas ilustradas lançavam mão de um recurso que lhes dava o toque especial, com o uso da imagem, mormente aquelas vinculadas à própria caricatura, que levava a um recrudescer da carga crítica. Os periódicos caricatos também desenvolviam

uma edificação discursiva mais direta e incisiva, como se estivessem a promover uma conversa, por vezes quase que informal, com o leitor. Outra característica das folhas ilustradas e humorísticas foi a presença de uma feição moralizadora, visando a combater aquilo que era tipificado como mazelas que afligiam a sociedade.

No contexto sul-rio-grandense do século XIX, as cidades que tiveram a oportunidade de possuir periódicos caricatos foram exatamente as mais adiantadas em termos econômicos, culturais e demográficos, ou seja, Porto Alegre, como sede político-administrativa provincial/estadual; Pelotas, na condição de núcleo da produção pecuário-charqueadora sul-rio-grandense; e Rio Grande, único porto marítimo sulino, ponto de entrada e saída e grande entreposto comercial. Nessas localidades circularam títulos como o *Bisturi* (Rio Grande, 1888-1893 - como publicação de circulação regular), *Cabrion* (Pelotas, 1879-1881) *O Diabrete* (Rio Grande, 1875-1881), *O Fígaro* (Porto Alegre, 1878-1879), *Maruí* (Rio Grande, 1880-1882), *O Século* (Porto Alegre, 1880-1893 - ilustrado apenas até 1884) e *A Ventarola* (Pelotas, 1887-1890)¹⁴. Em meio a tais semanários, a corrupção foi um tema bastante recorrente.

¹⁴ Um histórico acerca de cada uma dessas publicações pode ser observada a partir de: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962. p. 62-76, 90-132, 160-183, 185-194, 199-208 e 209-220.; ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-217 e 219-243.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e o casamento nas páginas do hebdomadário gaúcho O Século*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-8.; ALVES, Francisco das Neves. *A*

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

Tendo um de seus fortes na crítica política, o *Bisturi* promoveu profundas denúncias contra a corrupção, desde a época imperial até os primeiros tempos republicanos, quando, inclusive, liberal que era, se colocou na oposição e resistência aos governantes autoritários. Dentre as ilustrações do *Bisturi*, uma dama vestida em alto estilo serviu como representação da política, mas, ao contrário do luxo de suas vestimentas, ela usava sua sombrinha para mexer em um monturo de entulhos, identificado pelo periódico com alguns dos males que afetavam o país, ou seja, “mentiras”, “patotas”, “calúnias”, “intrigas” e “infâmias”. A legenda era curta e sutil, revelando que a vida política brasileira envolvia-se com ações não necessariamente caracterizadas pela limpeza: “Vira e revira...” (BISTURI, 10 set. 1888). O tema da podridão voltou às páginas do semanário, já após a mudança na forma de governo, ao comparar o governo com um asno morto e já em estado de putrefação, do qual todos, espavoridos, buscavam escapar. Enquanto o putrefato associa-se ao podre, o asno constitui um “símbolo da ignorância”, um “emblema da obscuridade” e “até mesmo das tendências

mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 9-12, 35-36 e 66-69.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX.* Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 22-23 e 40-41.; e ALVES, Francisco das Neves. *A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista.* Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-10 e 45-46.

satânicas”¹⁵. Perante a cena, o hebdomadário afirmava: “Todos fogem horrorizados dos miasmas que expele este cadáver...” (BISTURI, 10 maio 1891).



¹⁵ CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991. p. 93-94 e 748.

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



A figura do rato como simbologia da corrupção transformou-se em uma tradição da caricatura brasileira em diversas épocas e o *Bisturi* também lançou mão de tal recurso iconográfico. Trata-se nesse caso de um animal que é “tido como impuro” e “como uma imagem da avareza, da cupidez, da atividade noturna e clandestina”, podendo ainda ser “considerado como um ladrão”¹⁶. Foi assim que o periódico criticou o poder público municipal por possíveis desvios na implantação da rede de esgotos, constatando que “As *ratazanas* da Câmara Municipal em toda a parte se metem, até no cano dos esgotos, apesar da sombra que tanto os incomoda”, mas, ainda assim, “não os faz recuar dos seus intentos de exaurirem os cofres” (BISTURI, 10 set. 1888). O gato, como inimigo natural do rato, com sua

¹⁶ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 770-771.

“sagacidade e engenhosidade”¹⁷, aparecia para representar um anteparo à corrupção, como foi o caso da circunstância retratada na qual um indivíduo fiscalizava um carregamento de mercadorias. Na cena, diante da pergunta: “O que estará fazendo aquele gato, escavando naquele fardo?...”; o gato respondia: “Procuro seis quilos de antipirina que os ratos ali esconderam”. Enquanto isso, “os ratos surpreendidos a roerem o queijo fogem espavoridos das garras do gato”, dizendo “maldito gato, é preciso dar cabo dele” (BISTURI, 17 nov. 1889).



¹⁷ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 463.

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

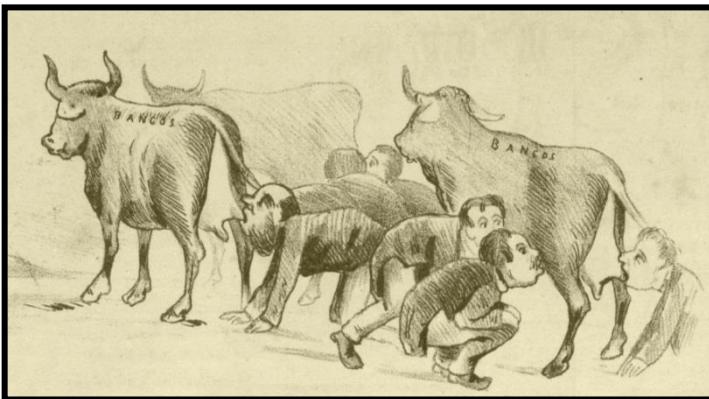


Atores políticos ávidos por mamarem nas tetas do Estado também estiveram presentes nas representações do semanário humorístico rio-grandino. Em tais condições, a vaca aparece como o animal nutriz e como o “símbolo da bondade, de calma, de força pacífica, de capacidade de trabalho e de sacrifício”¹⁸. Já ao final do Império, tal estratégia caricatural foi utilizada para criticar o ministério que estaria a se locupletar no poder, acompanhada da legenda: “Os bezerros continuam agarrados à inesgotável teta da nação” (BISTURI, 19 maio 1889). Com a mudança na forma de governo, o periódico atacava a política governamental de incentivo à criação de instituições bancárias, a qual trouxe consigo uma pesada carga de corrupção. As figuras bovinas surgiam identificadas com os bancos, enquanto vários indivíduos sorviam de seus úberes, acompanhando o comentário: “Os tais bancos de emissão são umas tetas!... ou melhor umas ratoeiras iguais a que os loios de Pernambuco queriam encapar no reinado do João Alfredo...” (BISTURI, 4 maio 1890). No

¹⁸ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 137 e 926.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

mesmo sentido, homens públicos eram apresentados com cúpida sanha em direção às tetas da nação, cena perante a qual o hebdomadário dizia cheio de ironia: “Que santas criaturas! que corações de pombas!... Seria realmente um procedimento condenável se tirassem a teta da boca dos *inocentes e filantrópicos benfeitores da humanidade!!*” (BISTURI, 4 set. 1892).



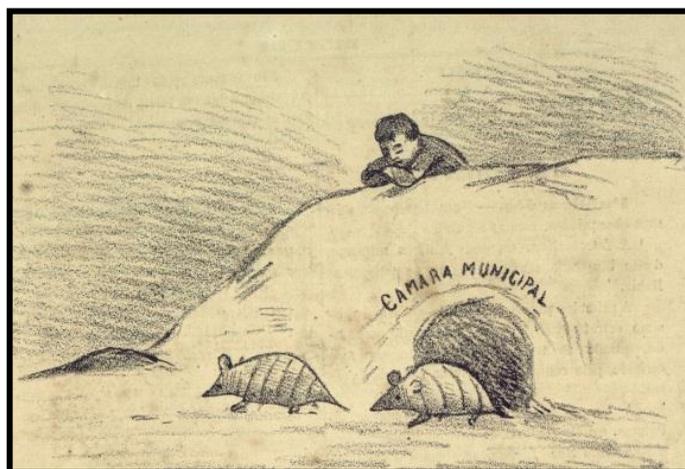
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



As malversações de verbas públicas e a avidez por cargos governativos apareceram por diversas vezes nas caricaturas do *Bisturi*. Vários indivíduos em um carrossel, como simbologia de uma disputa eleitoral, em busca de uma frondosa remuneração eram apresentados com a legenda: “Está prestes o dia da grande corrida. Tantos a disputarem a bandeirinha!...” (BISTURI, 23 set. 1888). O bobo da corte aparecia decepcionado, diante de não ter se confirmado a possibilidade de fiscalização no âmbito do poder público municipal, restando apenas o comentário: “Falou-se muito em uma nova caçada na Câmara Municipal, mas não passou de um grande susto, e os *tatus* continuaram tranquilos na toca...” (BISTURI, 20 jan. 1889). A referência ao tatu designa o animal furtivo que se esconde em buracos, em alusão à ladroeira. Uma mão com grandes garras que avançava sobre um saco de dinheiro, em alusão à roubalheira em um banco público, constituía o quadro de uma outra imagem, na qual a folha caricata dizia: “Foi verificado o

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

desfalque de cerca de cinquenta contos de réis, proveniente de cheques falsificados pelo pagador do Banco do Brasil” (BISTURI, 22 set. 1889).



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



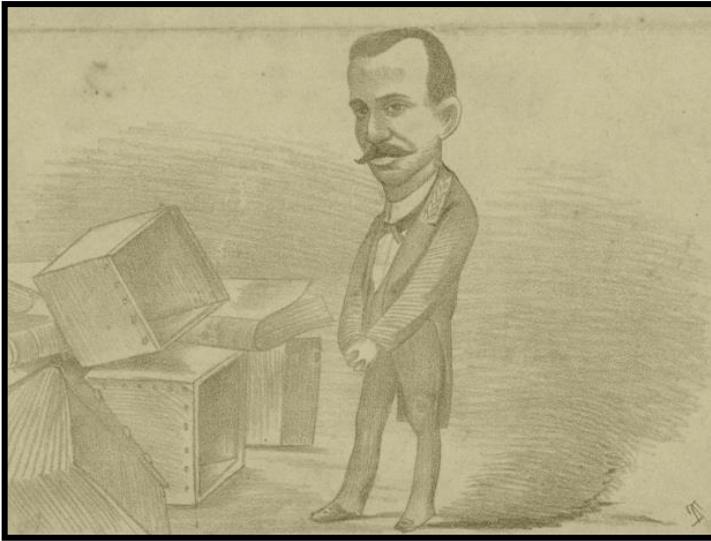
Os cofres públicos vazios surgiam também como sinônimo de corrupção, como fez o periódico ao apresentar uma mulher em pleno abandono e desespero perante a extinção das verbas públicas, gravura acompanhada do comentário: “A pobre ilustríssima Câmara acha-se inteiramente arruinada. Ilustres gatunos deixaram-na nua e cercada de dívidas...”. Observando os assaltos a tais cofres, o semanário denunciava que “a cadeia só foi feita para os ladrões de galinhas”, manifestando o desejo de que as penalidades se estendessem também aos poderosos, questionando o “porque não há uma mão justiceira que faça outra vez entrar nos cofres”, concluindo que as verbas públicas acabariam permanecendo nas mãos dos patoteiros, como sinônimo daqueles que eram viciados em aproveitar-se da coisa pública. (BISTURI, 6 out. 1889). Um membro do primeiro ministério republicano também surgia de mãos postas, como sinal de impossibilidade de ação, diante de

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

cofres desprovidos de conteúdo, aparecendo por legenda: "400 mil contos de desfalque nos cofres do Estado! Com efeito! O Ministro da Fazenda só encontrou cofres vazios e dívidas a pagar..." (BISTURI, 12 jan. 1890).



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

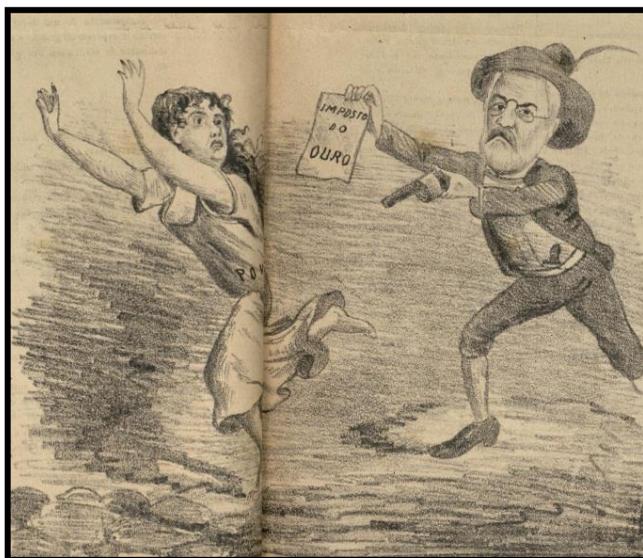


As práticas econômicas do Governo Provisório, com a política do Encilhamento, marcada pelo incentivo desregrado para a criação de bancos e indústrias, o qual levou à profunda corrupção, também foram alvo das críticas do *Bisturi*. Foi o que ocorreu na caricatura em que dois indivíduos festejavam alegremente a possibilidade de criação de um estabelecimento de produção de fósforos, comentando o periódico que: “A República dos bancos, das empresas, das patotas e da pouca vergonha acaba de conceder a dois cavalheiros o privilégio para estabelecer uma fábrica de fósforos”; e ainda complementando: “Está de parabéns a indústria de *Jones Copingos* brasileiro” (BISTURI, 26 out. 1890). Membros do clero e a figura da República apareciam mancomunados, aproveitando-se do banquete das verbas públicas, com destaque para a presença de um gato preto - figura utilizada pelo periódico para

demonstrar a existência de algo indevido –, o qual era identificado com os escândalos que estariam tomando conta do país. Nessa cena, o semanário constatava que, “na barriga da República, presume-se que tenha uma grande solitária” (BISTURI, 1º fev. 1891). Foi publicada também a imagem de um ministro de Estado perseguindo uma mulher indefesa, identificada com o povo, estando aquele pronto a praticar um assalto à mão armada, no sentido de impor mais um imposto à figura perseguida, aparecendo por legenda: “Infeliz povo, sempre perseguido e amordaçado...” (BISTURI, 10 maio 1891).



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

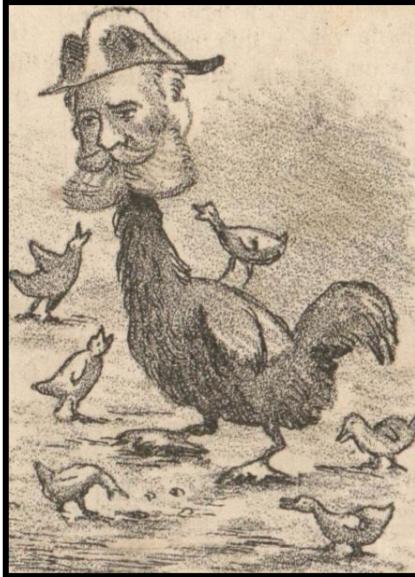


Nem mesmo o proclamador e primeiro Presidente da República, Deodoro da Fonseca, escapou ao olhar censório do *Bisturi*, que considerou tal homem público como negligente, conivente e até mesmo participante dos atos de corrupção. Assim trouxe a presença do governante como um dos Reis Magos, acompanhado de outros membros da administração pública, todos de barrete frígio, adorando “o Deus menino”, o qual era identificado com o “cofre do Estado”, revelando os verdadeiros interesses daquelas autoridades (BISTURI, 11 jan. 1891). Em outra caricatura, o bobo da corte chamava atenção do “índio-Brasil” para os desmandos políticos e econômico-financeiros relacionados ao Presidente Deodoro, que, no caso, aparecia acompanhado de mais dois personagens, um deles, igualmente à figura presidencial, usando o barrete frígio, a devorarem o prato do “orçamento”. Na continuidade da ilustração, a República jogava o indígena, como representação do povo brasileiro, em um abismo (BISTURI, 18 jan. 1891). O Presidente ainda aparecia tomando todo o cuidado com a sua patota de seguidores, representados por uma ave palmípede, de modo que, perante uma mudança ministerial, surgia o comentário: “O generalíssimo afaga carinhosamente a nova ninhada... de patos e patinhos a quem confia o futuro desta geringonça... a política de hoje é de quem mais pilha...”. Além disso, concluía: “E isto assim continuará, enquanto estiver nas mãos de S. Exma. a chave do paiol do milho e da situação... patoteira...” (BISTURI, 25 jan. 1891).

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



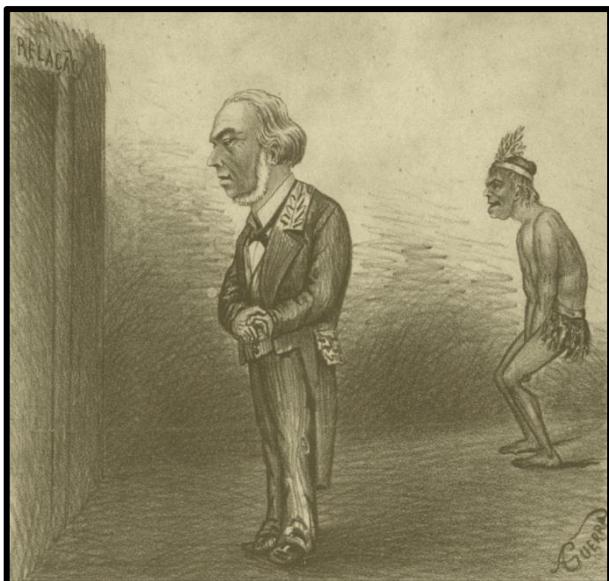
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

Folha de tendência republicana, o *Cabron* publicou várias caricaturas críticas aos atos de corrupção do governo imperial nas diversas esferas de poder. A primeira delas referia-se ao contexto municipal, na qual era manifesta desconfiança para com a Câmara local por apresentar preferências quanto à escolha do prestador de serviço de recolhimento de dejetos, causando estranheza o fato de escolher o de maior custo (CABRION, 3 mar. 1879). Em outra referência a atos corruptos, na capa, o periódico mostrava um homem público relutante e inseguro quanto a suas ações, estando prestes a atravessar uma porta para que as mesmas pudessem vir a ser apreciadas. Entretanto, uma figura indígena, tradicional representação do povo brasileiro, com ar zombeteiro, colocava em dúvida a possibilidade de julgamentos sobre os políticos brasileiros, afirmando: “Um ministro ser processado!!!... Ora essa...” (CABRION, 11 maio 1879).





O índio voltava às páginas do semanário nas acusações quanto ao uso indevido do dinheiro público, dessa vez, o símbolo da população tinha uma expressão de tristeza, ao depositar sacos de dinheiro em enormes bocas – cuja simbologia reversa representa a capacidade de destruir, de matar, de confundir e de rebaixar¹⁹ –, que representavam a Câmara de Deputados e o Senado, cabendo mais uma vez a fala ao personagem: “Mil e quinhentos contos para essa *engolideiras*, que nenhum benefício me têm prestado!... Decididamente faço bancarrota!...” (CABRION, 18 maio 1879). O periódico chegava a criar uma representação imagética em que “o povo deixa de ser carneiro”, vindo a tomar consciência de seu papel e revoltava-se contra os desmandos

¹⁹ CHEVALIER & GHEERBRANT. p. 133.

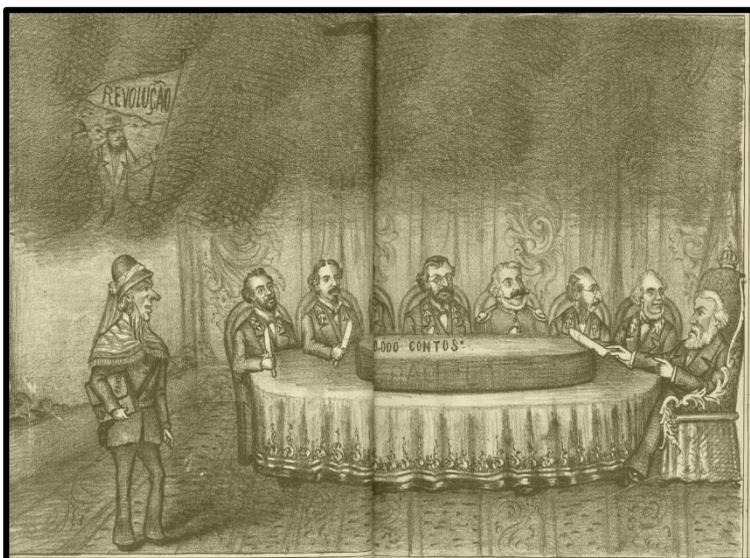
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

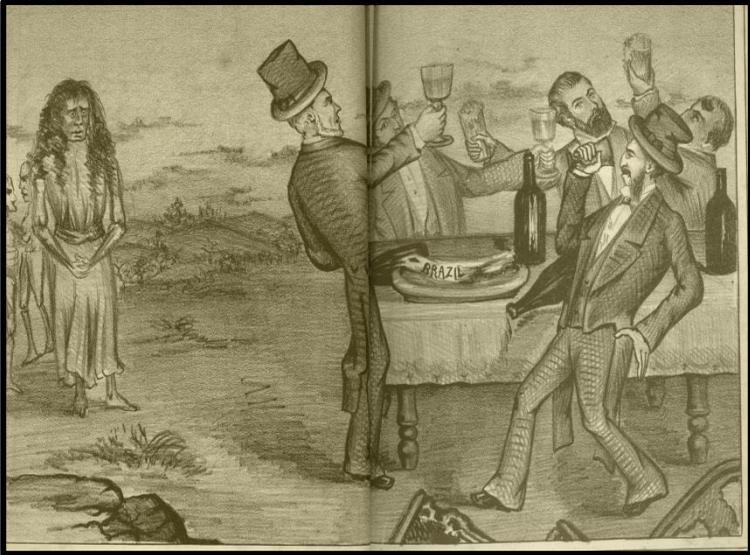
políticos e econômico-financeiros dos homens públicos (CABRION, 22 jun. 1879).



Na concepção da folha ilustrada pelotense, as disputas político-partidárias poderiam até ficar em segundo plano se o assunto era a obtenção de verbas públicas, aos mostrar os homens de Estado, com posições no Executivo e no Legislativo, alegres e folgazões, todos de mãos dadas, dançando em torno da “tradicional fogueira”, em um momento no qual “se acabam as lutas políticas” e todos “pulam e riem” (CABRION, 19 jul. 1879). O dinheiro público era mais uma vez o cerne da abordagem da caricatura sobre o “último banquete”, na qual o imperador e os homens de governo preparam-se para fatiar e comer um grande pão de ló que simbolizava as verbas orçamentárias (CABRION, 3 ago. 1879). O tema gastronômico voltava figurativamente a estampar as páginas da folha, ao apresentar cena que estabelecia um paralelo entre a fome, a miséria e a morte, oriundas da seca no Nordeste, em contraste com outros que “tripudiam alegres nos festins”, em alusão aos políticos que se deliciavam de comida – o próprio país e se empanturravam de bebida, completamente alienados em relação às mazelas nacionais. A vida política do país foi representada por um jogo de cartas entre os representantes dos partidos de então, com um jogador liberal, um conservador e um republicano, cada qual pensando na sua sorte para chegar ao poder e não nos destinos da nação (CABRION, 2 nov. 1879). Na óptica do *Cabron* já não havia mais limites para a roubalheira do dinheiro público, tanto que denunciava mais “escândalos”, dessa vez com dois indivíduos que não tiveram o mínimo receio em deixar um cofre completamente vazio, conforme notificava o hebdomadário: “conseguiram abrir o cofre e trataram de fazer-lhe uma limpeza!!!...” (CABRION, 30 nov. 1879).

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX





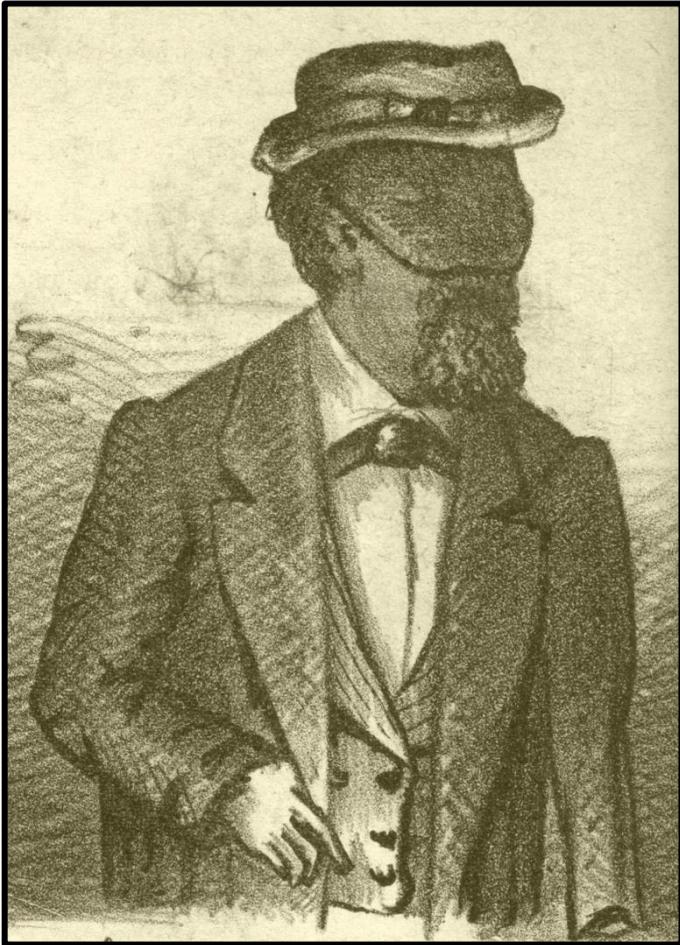
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



O *Cabrion* chegou a desenvolver uma campanha contra um determinado indivíduo que permaneceu com o rosto coberto por um véu, com a possibilidade de uma identificação posterior, acusando-o de falsificação de documentos e desvios financeiros (CABRION, 7 dez. 1879). O próprio personagem que representava o periódico participou ativamente das manifestações de combate à corrupção, como ao aparecer vendado, denunciando prováveis malfeitos, ao dizer: “Relativamente aos negócios da estrada de ferro... estamos às escuras”. Tal personificação garantia que a folha não desistiria de suas batalhas no campo da moralização, chegando a aparecer com um canhão a

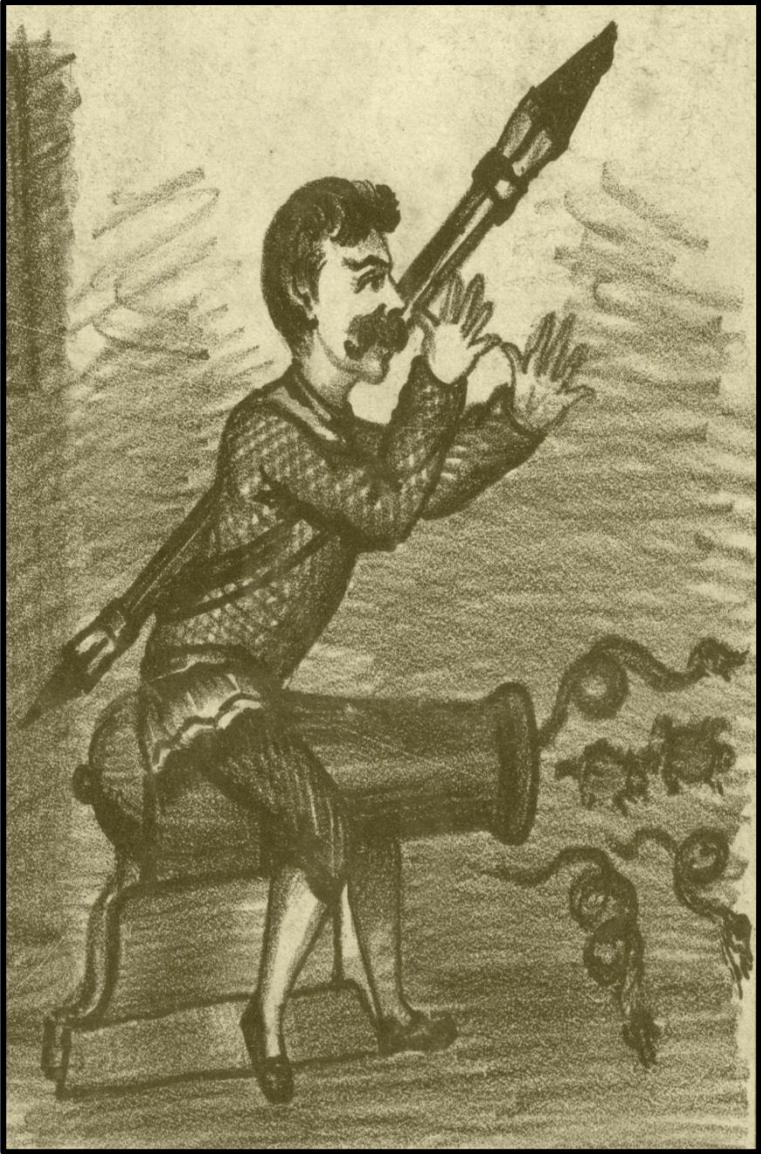
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

soltar cobras e lagartos sobre os malfeitores (CABRION, 14 dez. 1879). Ele voltaria a desafiar o indivíduo com o rosto coberto, avisando: “Sr. *Popaul*, não seja mauzinho, não diga que eu me envolvo com a vida privada; olhe para lhe tirar a máscara não me custa muito e depois...” (CABRION, 21 dez. 1879).



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX





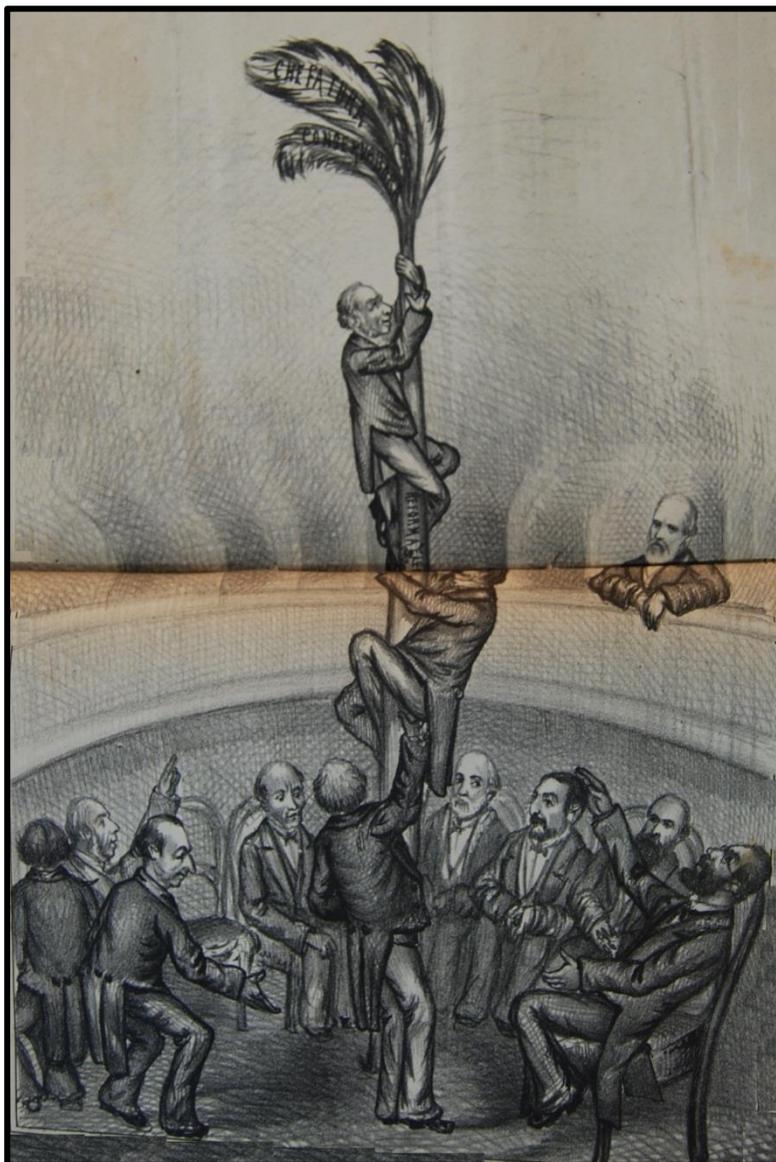
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



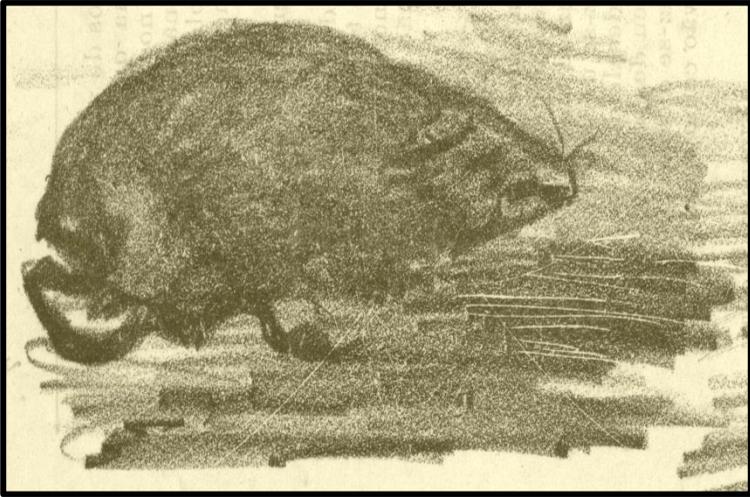
As críticas às ações corruptas realizadas pelo *Cabrion* iam da esfera nacional à local. Nessa linha, demonstrou mais uma vez os políticos, independentemente da agremiação partidária, a fazerem qualquer coisa para ocupar o poder, inclusive disputar o jogo da “conquista do penacho”, cabendo a chefia ao vencedor (CABRION, 14 nov. 1880). Quanto aos “ratões” da vida pública, o periódico trazia a imagem do roedor e sua carga negativa associada a apropriações indébitas, avisando sobre a grande necessidade de instalarem-se

nas casas “ratoeiras até nas algibeiras”, sem deixar de fazer uma alusão aos homens públicos, aos quais eram anexadas caudas de rato, desenho acompanhado pela constatação de que: “Uns é impossível cassá-los, são os de casaca, e esses têm cada rabo!...”, com a ironia do uso da expressar “cassar” e não “caçar” (CABRION, 27 fev. 1881). Finalmente, em um conjunto de caricaturas, o semanário apontava para a posição suspeita de um servidor público, identificando-o como “uma autoridade muito ativa”, que “salta como um sapo”, no caso sobre as leis, negligenciando-as. Além disso, o tal indivíduo “manda segurar as pessoas de bem de um modo estranho” e ainda “prende a quem não deve prender”, bem como “protege a uns” – que lhe são próximos e lhe subornam –, enquanto deixa outros “apodrecem à míngua na prisão”, além de receber recompensas pela captura de escravos (CABRION, 6 mar. 1881).

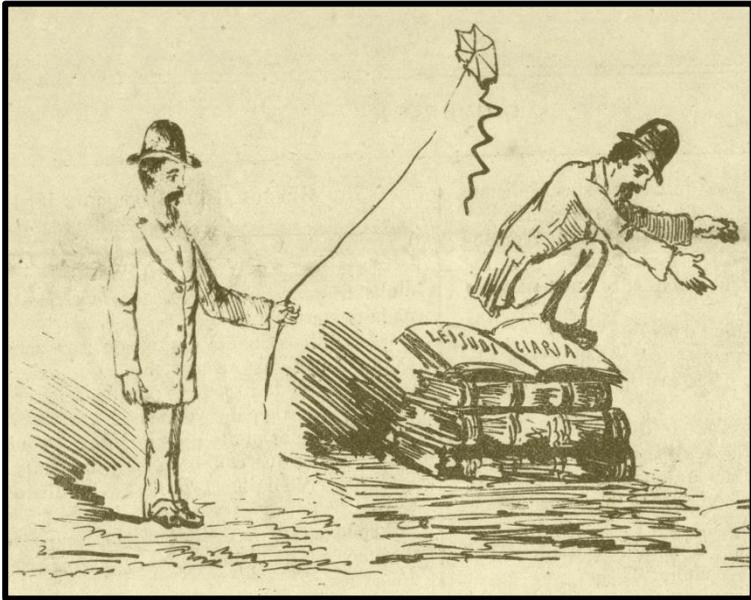
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

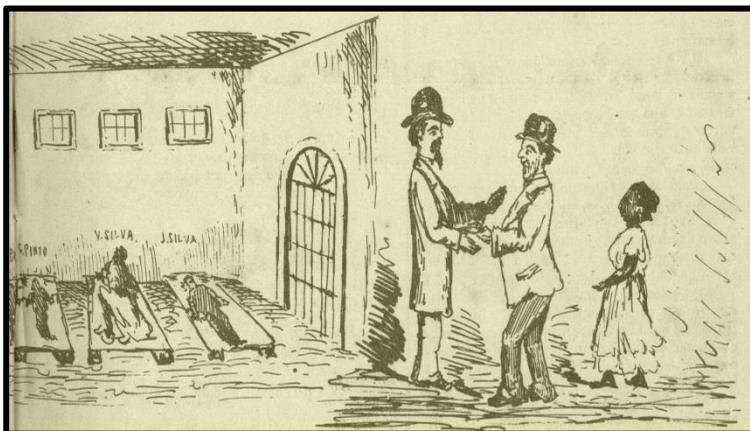
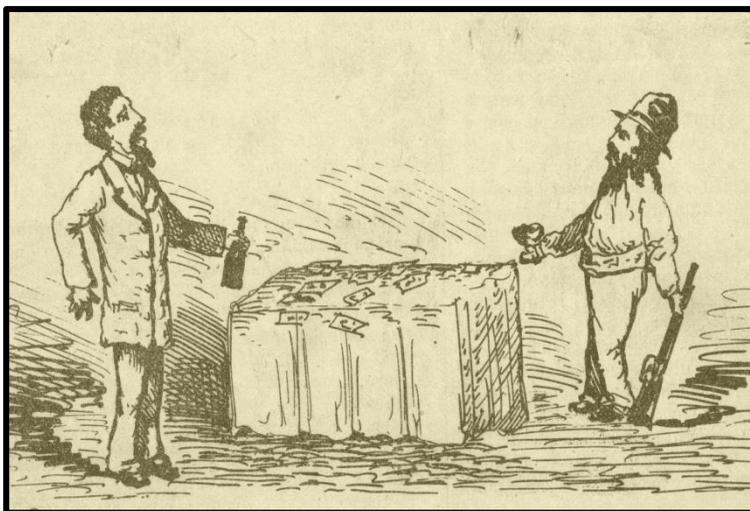


FRANCISCO DAS NEVES ALVES



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

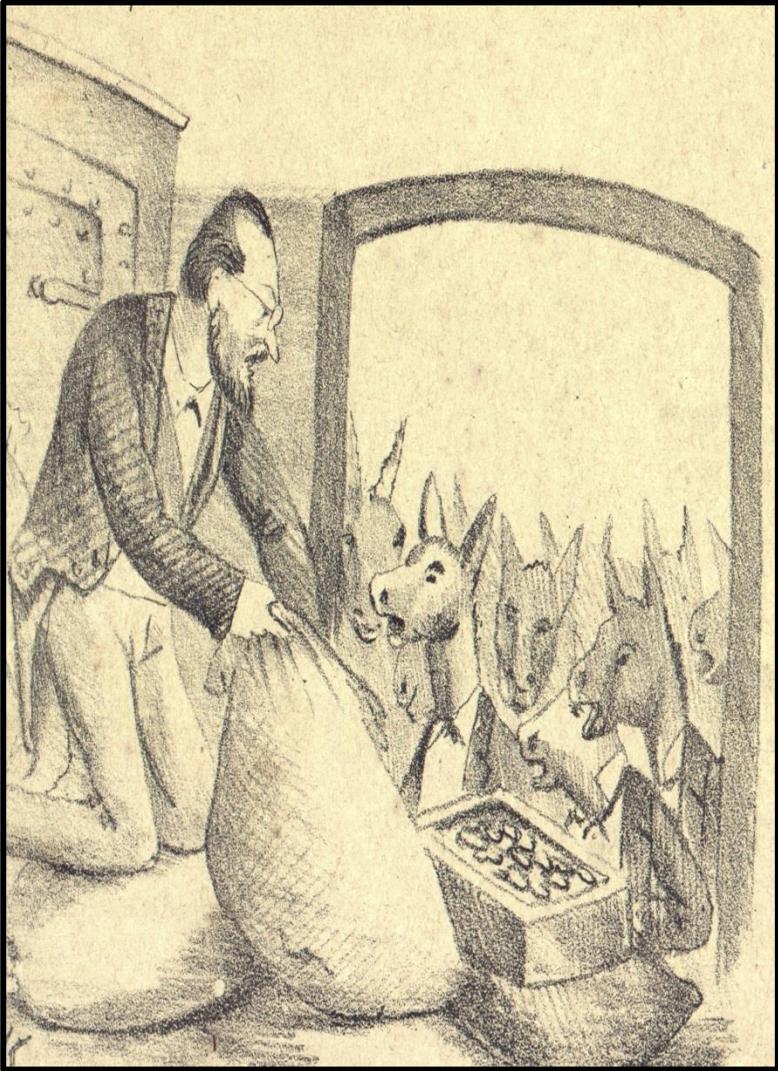




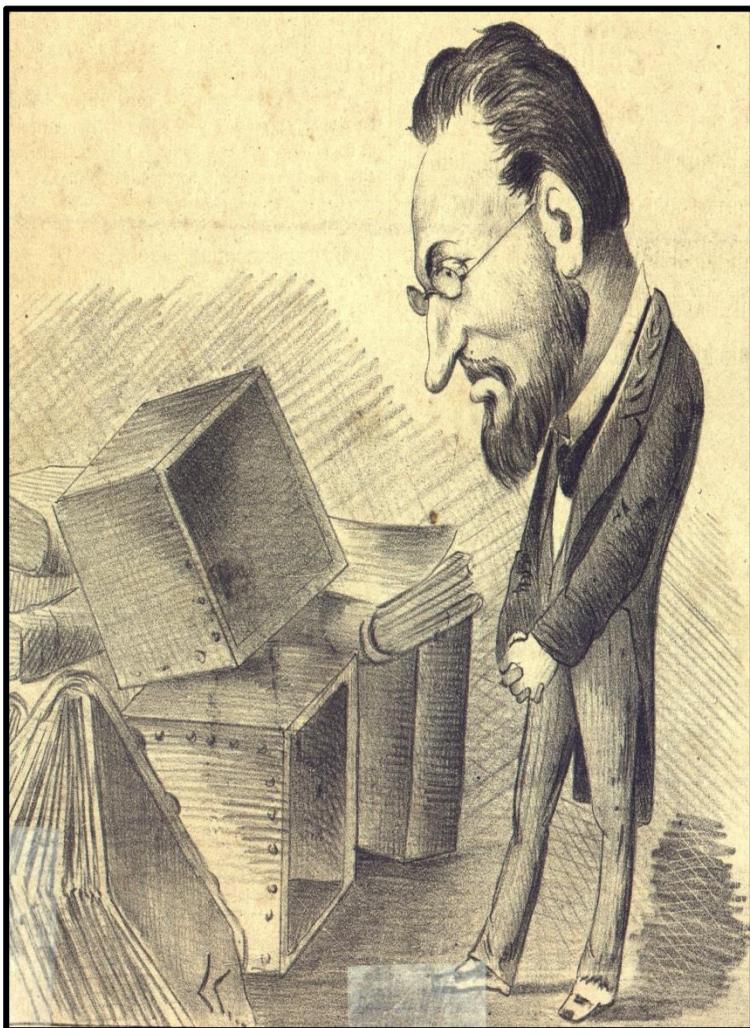
Um dos destaques da pauta editorial de *O Diabrete* foi a crítica política, bem como uma prática moralizadora e censória em relação aquilo que considerava como desvios éticos e morais no seio da sociedade. Observando a vida política nacional, o

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

periódico denunciava o alto preço cobrado pelos parlamentares, em termos de obtenção de verbas públicas, como ao mostrar um político distribuindo milho para os asnos – com a qualificação negativa que ao animal se atribuía –, ou, simbolicamente, dinheiro para os colegas, em desenho acompanhado pela legenda incisiva: “Pobre tesouro” (O DIABRETE, 15 set. 1878). Nessa linha, a mesma autoridade, responsável pelas contas públicas, olhava desolado, vendo “cofres vazios e livros em branco”, como resultado daquilo que encontrara “nas coletorias gerais”, tudo isso graças aos rotineiros “desfalques” (O DIABRETE, 13 out. 1878). Ainda com a presença do mesmo homem público, a folha caricata mostrava-o em pleno clima de carnaval, fantasiado e em meio a duas figuras femininas, uma representando a maioria e a outra a oposição, ambas com um único interesse em comum, degustar o “orçamento” que aparecia ao fundo da ilustração, como um prato a ser deliciado. Assim, enquanto o indivíduo perdia a sua máscara, “as cocotes maioria e oposição disputam uma ceia chamada orçamento” (O DIABRETE, 9 mar. 1879).



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

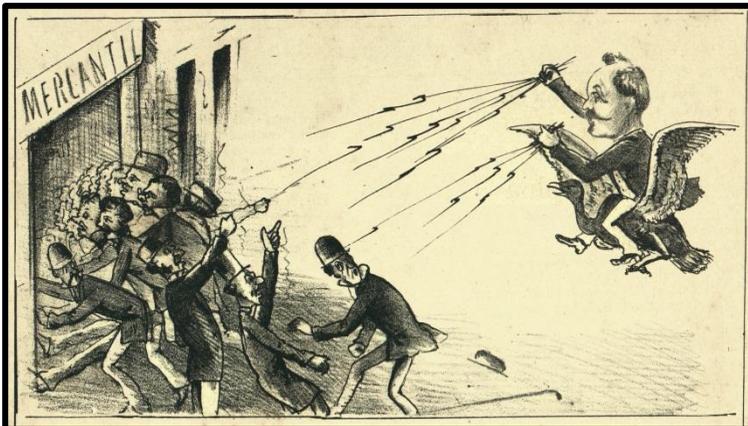


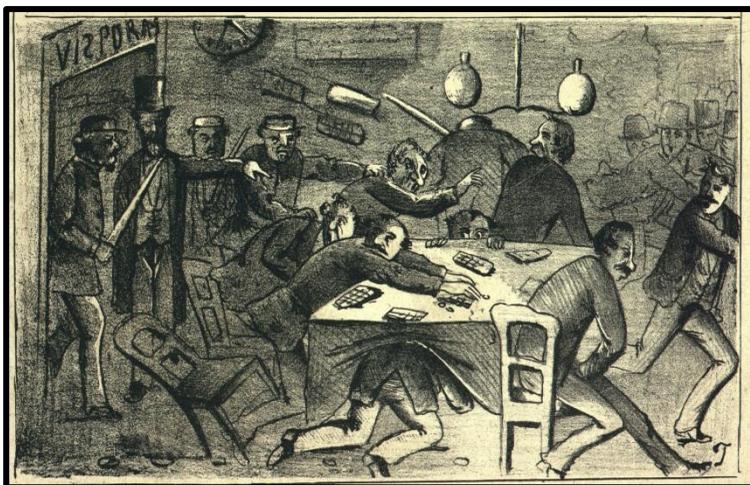


O personagem que representava o semanário, o bobo da corte, também atuava no combate à corrupção, como ao interpelar um “tenente coronel” no cais do porto, carregando uma suspeita pasta, perguntando se ele havia conseguido “alguma patotinha”, em referência a um possível suborno (O DIABRETE, 27 out. 1878). A publicação ilustrada e humorística acreditava na fiscalização como forma eficiente de combate aos atos corruptos, tanto que mostrou um indivíduo voando nas costas de uma ave a atingir os servidores com raios, sendo ele denominado de “uma águia tributária, transformada em alzo dos funcionários públicos”. Na mesma linha, trazia “uma visita inesperada”, com as

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

forças policiais invadindo um lugar suspeito (O DIABRETE, 25 maio 1879).

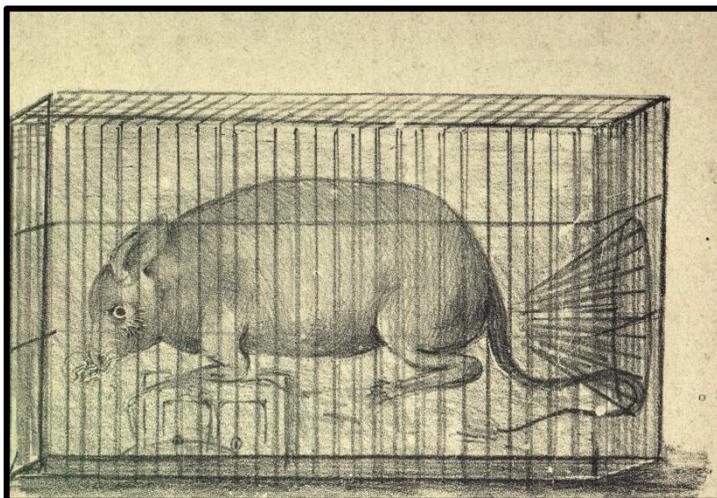
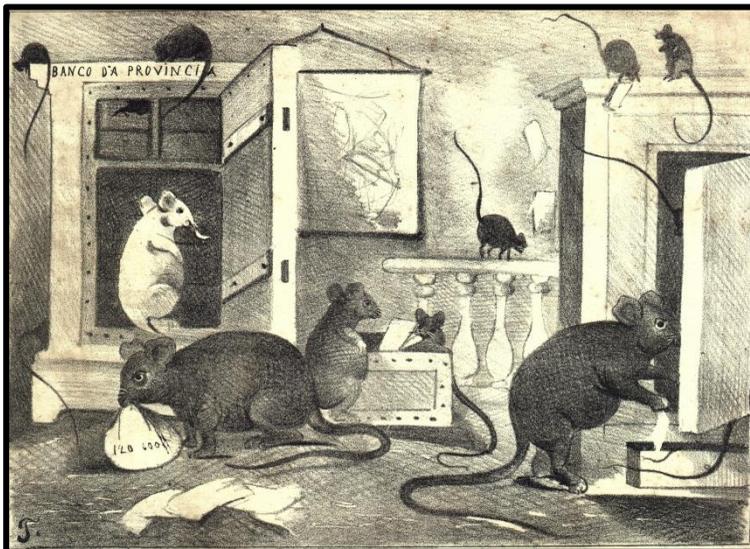


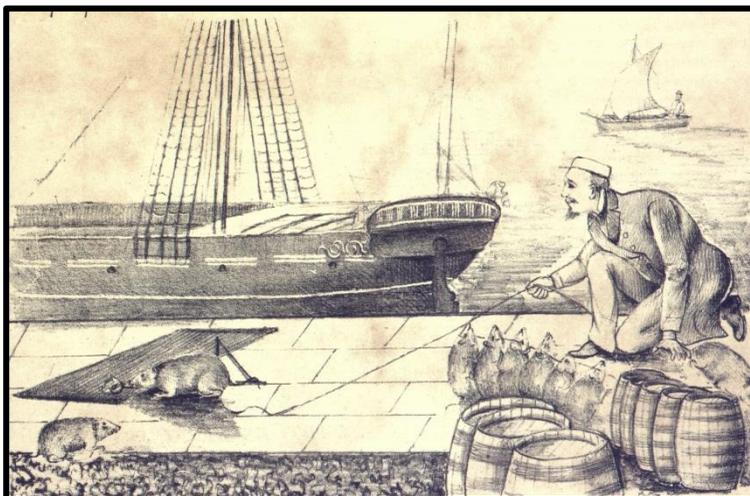
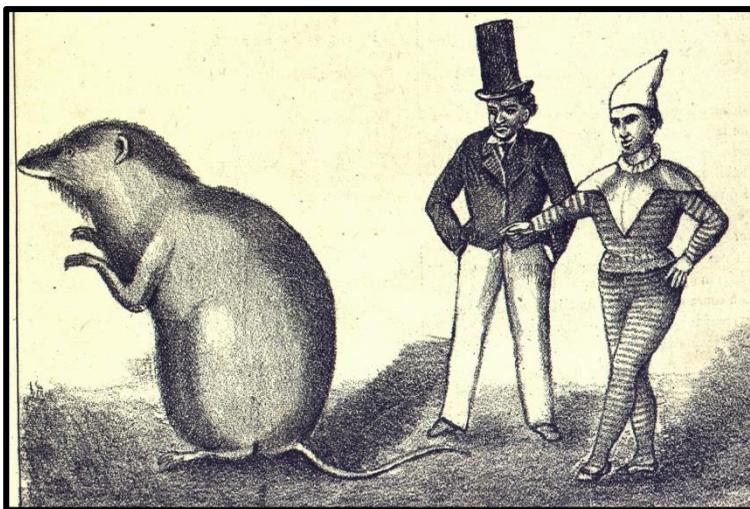


Para estabelecer seu olhar crítico sobre ações corruptas, *O Diabrete* lançou mão da imagem do rato, com toda a sua carga negativa e associada à roubalheira, em ilustração na qual os roedores assumiam dimensões avantajadas e esvaziavam os cofres públicos, em clara alusão aos malfeitos e desvios de verbas. Diante disso, tecia o comentário de que “Há cada ratão por este mundo!...” (*O DIABRETE*, 11 jun. 1880). O periódico voltava a utilizar-se da figura da ratazana, só que desta vez preso em uma gaiola, tendo ainda a prova de seus roubos junto a si. Exultante a folha dizia: “Afimal caíste cavaquinho, julgava que o banco da província era algum pedaço de queijo” (*O DIABRETE*, 12 dez. 1880). O bobo da corte aparecia mais uma vez para apontar a um colega de imprensa a existência de mais um rato na vida pública, aparecendo dessa vez o animal em tamanho desproporcional (*O DIABRETE*, 8 fev. 1881). Em outra ilustração, um guarda da alfândega executava o trabalho

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

de capturar os ratos no cais, pois os mesmos estariam a burlar as regras comerciais (O DIABRTE, 20 fev. 1881).

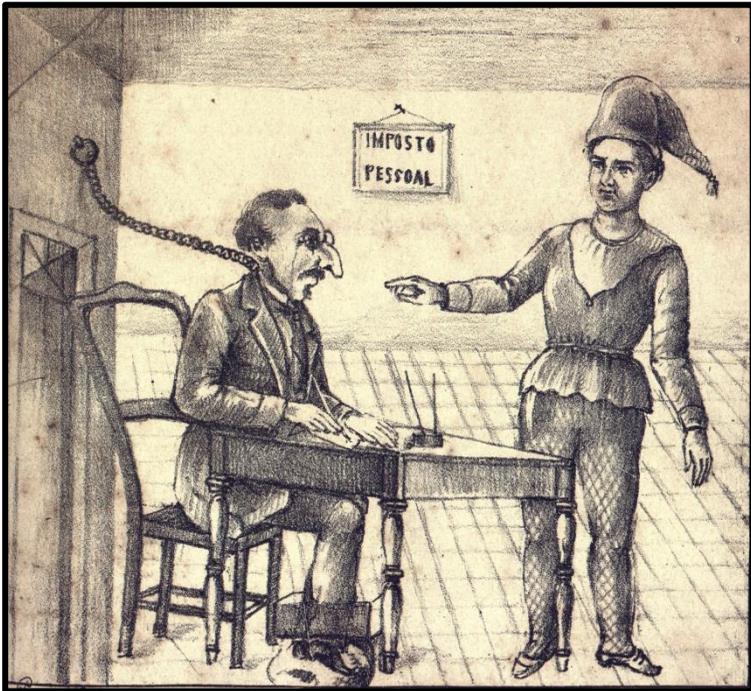


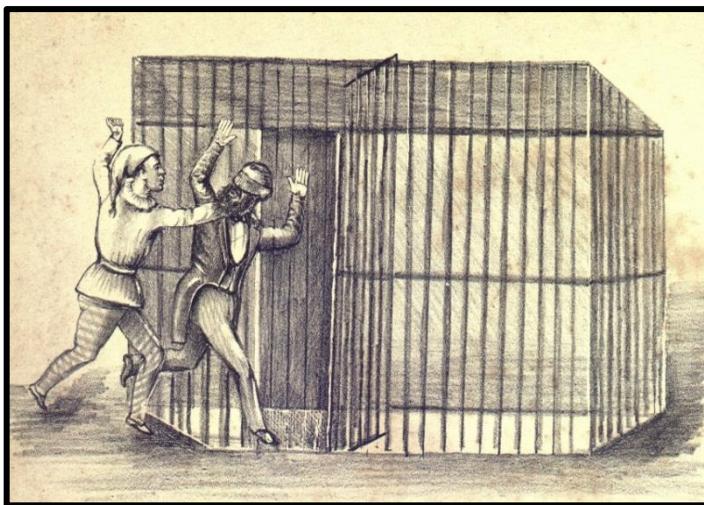


O receio quanto à malversação do dinheiro público por parte dos funcionários também foi abordado pelo periódico rio-grandino, ao mostrar um servidor

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

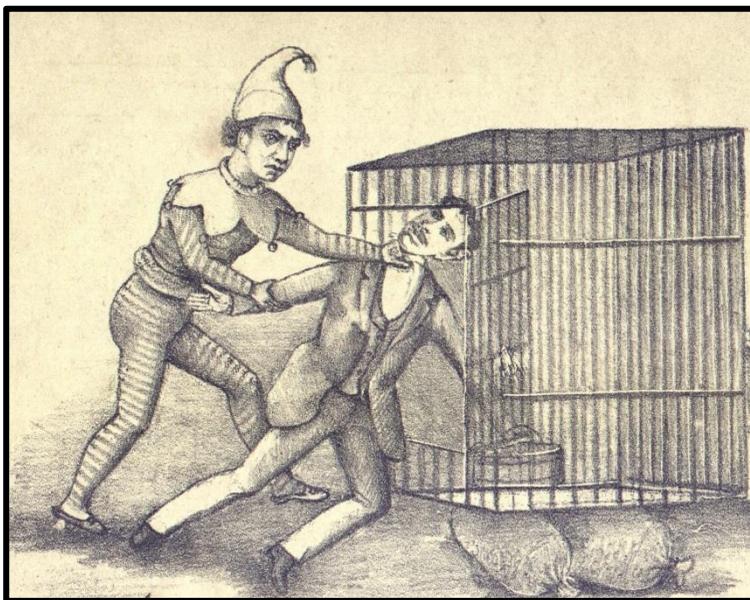
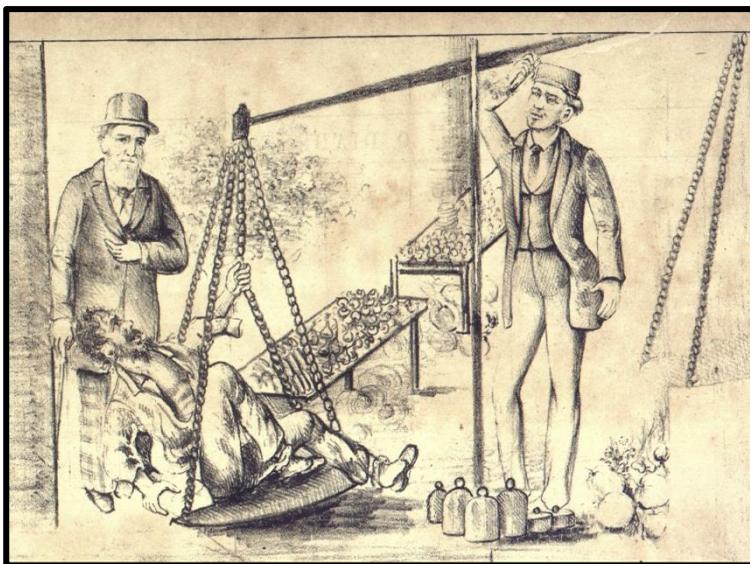
preso pelo pescoço, havendo ainda a presença acusatória do bobo da corte, designando o caricaturista, que apontava para o outro personagem do desenho, dizendo: “Para o futuro o empregado público será obrigado a trabalhar desta forma: a usar roupa de canga” (O DIABRETE, 4 ago. 1880). A mesma figura chegava a encaminhar um servidor para a cadeia, avisando-lhe: “Senhor vilão, trate de aguentar-se no seu emprego e deixe de andar a empenhar-se pelos empregos dos outros; quando não - jaula - e a cauda à mostra” (O DIABRETE, 31 out. 1880).





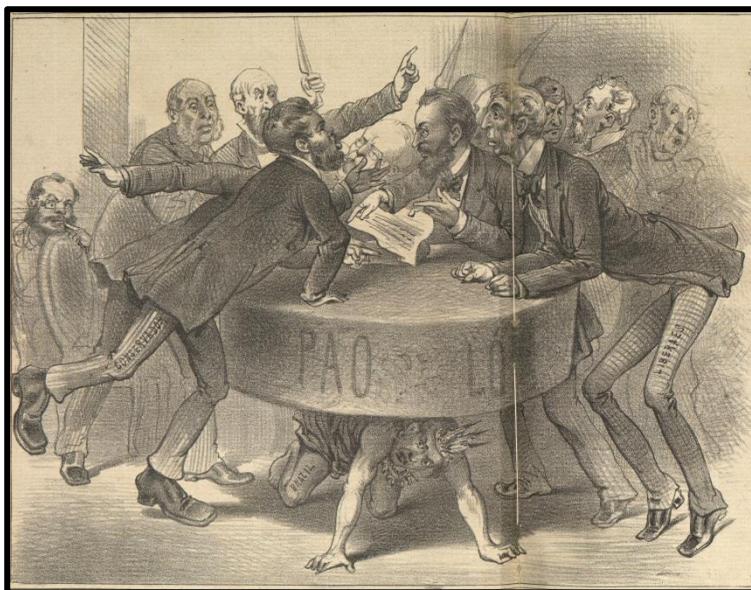
O bobo da corte aparecia mais uma vez como uma espécie de fiscal do serviço público, ao acompanhar de perto um funcionário que se preparava para uma viagem e contava com a vigilância próxima do personagem que o sentenciava com severidade: “Vai Emílio, vai a São Paulo e traze-nos esta mala cheia de notas; porém cuidado, não erres o caminho e nos deixes a chorar pitangas” (O DIABRETE, 12 dez. 1880). Com humor, o periódico mostrava um indivíduo que, observando os fiscais atuando, resolveu ele mesmo, useiro e vezeiro de atividades ilícitas, ser pesado, ao dizer: “desconfio que também estou roubado” (O DIABRETE, 20 fev. 1881). Em uma nova presença do bobo da corte, ele assumia mais uma vez funções fiscalizadoras, tratando de colocar um suspeito em uma gaiola, sentenciando-o: “Apanhei-te cavaquinho, há muito que andava à tua cata” (O DIABRETE, 27 mar. 1881).

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



O *Fígaro* foi uma publicação pouco longeva, mas que, durante o curto período em que circulou, exerceu com excelência a crítica política e de costumes, não deixando de fazer referências à corrupção. O periódico porto-alegrense buscou apresentar os desmandos cometidos pelos governantes em relação aos bens do Estado, ao representar o “poder” como uma dama que se via obrigada a repassar seus pertences a uma loja de penhores, no sentido de conseguir sustentar-se. Nessa linha, a folha afirmava que aquela “rapariga à miséria” foi reduzida e “viu-se na necessidade de por as suas joias no prego para sustentar seus caprichos” (O FÍGARO, 20 out. 1878). Em outra ilustração, liberais e conservadores, de facas a mão, engalfinhavam-se, cada qual querendo uma fatia maior do pão de ló que representava o orçamento, supostamente defendendo os interesses de suas províncias, mas que em verdade eram confundidos com os interesses privados. Abaixo do bolo, o índio que simbolizava o Brasil tinha dificuldades para sustentar o peso que lhe recaía sobre as costas, vindo a dizer: “E eu a pagar para tudo isto!!!...” (O FÍGARO, 5 jan. 1879). Os excessos de gasto também eram denunciados pela presença do responsável pelas finanças, o qual tinha de realizar grande esforço para enfrentar uma espécie de Cérbero, um cão de três cabeças, feroz e ávido, pronto para devorar o que encontrasse pela frente, levando em conta as despesas públicas promovidas junto às duas casas parlamentares – Senado e Câmara dos Deputados e ainda as “patotas” envolvidas no Banco Nacional (O FÍGARO, 16 fev. 1879).

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX





A indústria da seca tradicionalmente praticada em relação ao Nordeste, servindo como um escoadouro insaciável de verbas públicas, em detrimento dos desvalidos que passavam fome, foi outra ação corrupta denunciada pelo *Fígaro*. Ao referir-se à “seca no Ceará”, destacava que “a miséria engorda os especuladores da morte”, já que “o fornecimento passa a galope e os esfaimados não lhe tomam nem o cheiro” (O FÍGARO, 9 mar. 1879). Os integrantes da oposição eram representados como feras felinas e um lobo que atacavam a autoridade pública responsável pelo segmento financeiro, visando a pegar o conteúdo do tesouro nacional. De acordo com o periódico, “a horda de feras esfaimadas atirou-se ao carro do Estado”, buscando desviá-lo do caminho “pela estrada da honra” (O FÍGARO, 16 mar. 1879). A Câmara dos Deputados era designada por uma figura feminina que se alimentava de

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

uma sopa que continha algumas das mais importantes reformas nacionais, mas tudo seria condicionado ao recebimento do “subsídio” de parte dos parlamentares. A esse respeito, o hebdomadário legendava: “O subsídio é uma sopa que o Brasil oferece anualmente à Câmara temporária, a qual, para saboreá-la melhor, bebe só o caldo”, vindo a desprezar “as migalhas, que se chamam atualmente: separação da Igreja do Estado, eleição direta e casamento civil” (O FÍGARO, 30 mar. 1879).

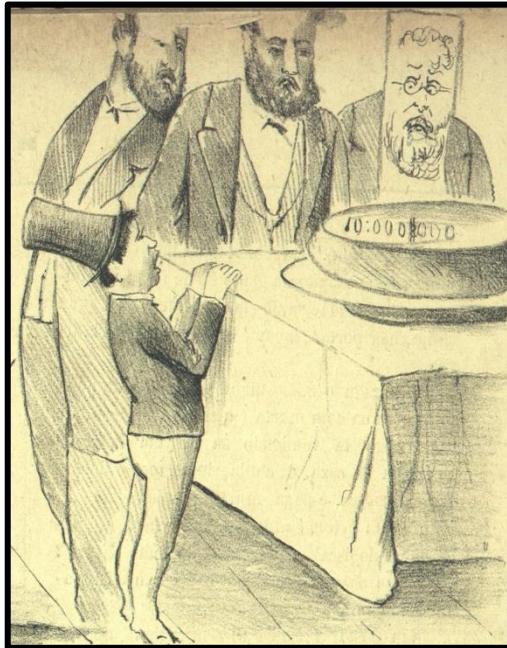
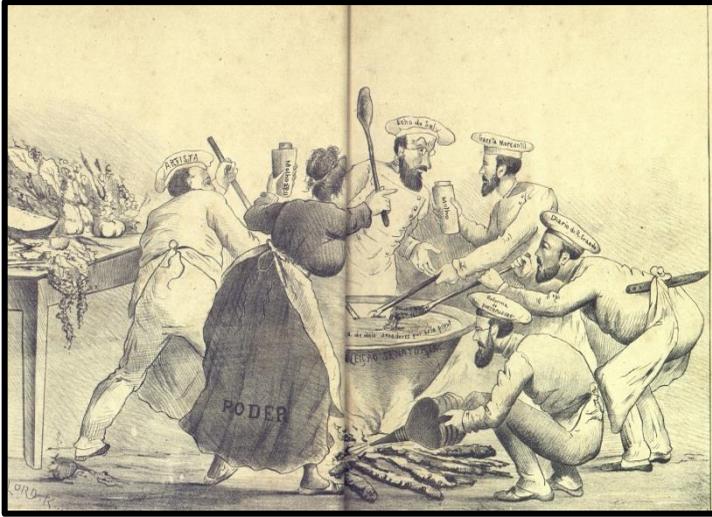




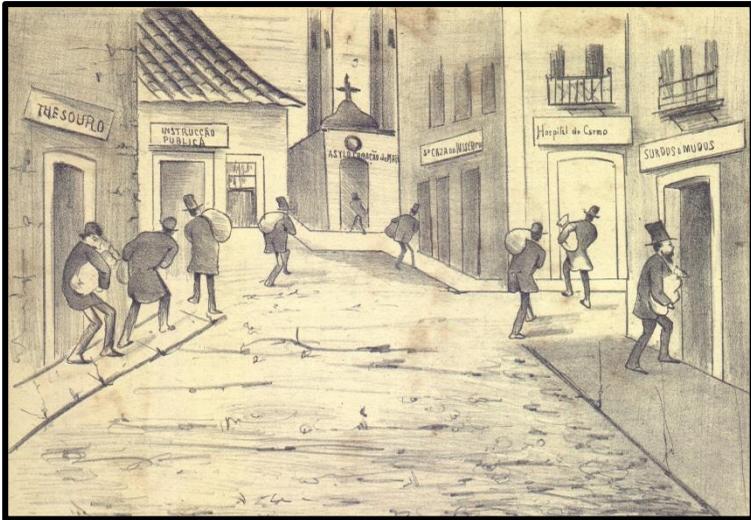
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

O *Maruí* especializou-se na prática da crítica social e de costumes, sem deixar de lado a política, além de assumir um caráter censório em relação às mazelas sociais, inclusive quanto à corrupção. Os representantes da imprensa sul-rio-grandense, com suas respectivas filiações/aproximações partidárias eram representados pelo periódico como cozinheiros, os quais, junto de uma mulher que designava o poder, preparavam uma refeição em um caldeirão, identificado com a eleição para senador, em alusão aos conchavos políticos para a realização de tal pleito (MARUÍ, 16 fev. 1880). Um bobo da corte estilizado observava os homens públicos que pretendiam repartir um pão de ló, representando o dinheiro público, pedindo que “venha de lá uma fatia” (MARUÍ, 18 abr. 1880). Carregando na ironia, o periódico mostrava parlamentares provinciais distribuindo seus ganhos em meio a entidades assistenciais. Nessa linha, afirmava: “Consta-nos que os nobres deputados quando receberem o subsídio da Assembleia Provincial, cheios de patriotismo e filantropia”, viriam a distribuir “50% desse subsídio em favor de várias instituições pias e beneficentes desta”; mas, ao final, colocava a propalada atitude em dúvida: “Desconfiamos que... não pega” (MARUÍ, 11 jul. 1880).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



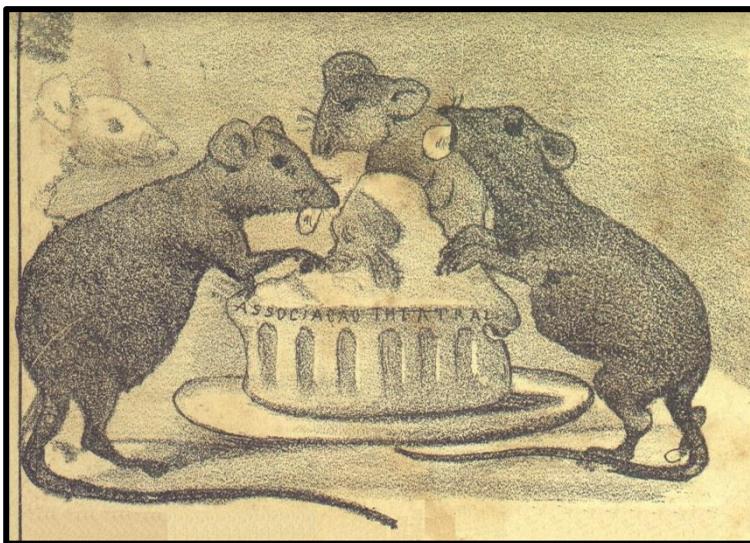
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



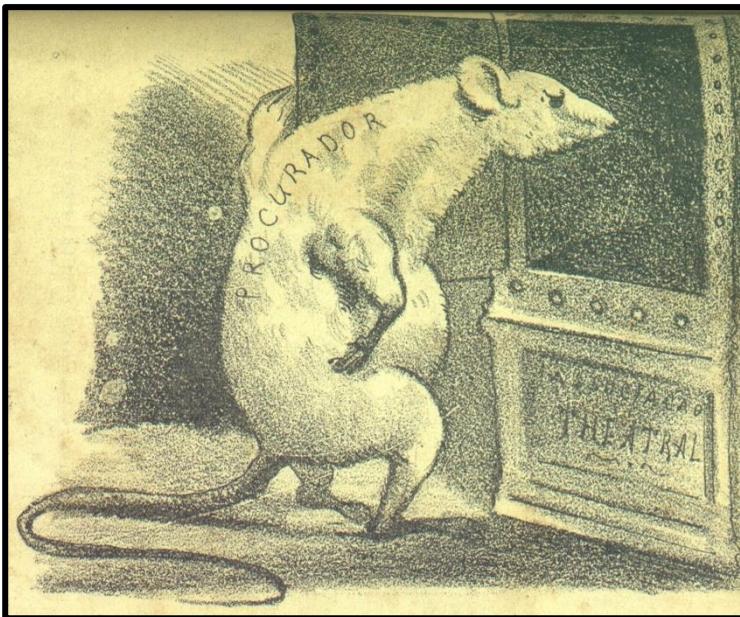
O semanário mostrou um homem que protestava contra as práticas corruptas no país, dizendo: “Não há leis para punirem os malfeitores, os ladrões de casaca passada a ferro, os ministros de Estado, imperadores!!!”; e complementando: “Infeliz pátria... eu choro o teu destino... Povo, vedes a nossa alfândega a que estado está reduzida?” (MARUÍ, 1º ago. 1880). Em outra caricatura, a política era associada a uma empresa teatral, na qual as ratazanas tomavam conta (MARUÍ, 30 jan. 1881). Largamente utilizado pelo *Maruí*, o bobo da corte em trajes modernos propunha-se ele mesmo a aprisionar um malfeitor, levando-o para a “jaula dos tratantes” (MARUÍ, 20 mar. 1881). O mesmo personagem marcava a ferro quente a testa de um homem que aparecia aprisionado e amarrado, gravando a palavra “velhaco”, ou seja, traçoeiro, patife, trapaceiro,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

declarando: “Com este brasão de glória, serás distinguido entre a canalha” (MARUÍ, 3 abr. 1881).



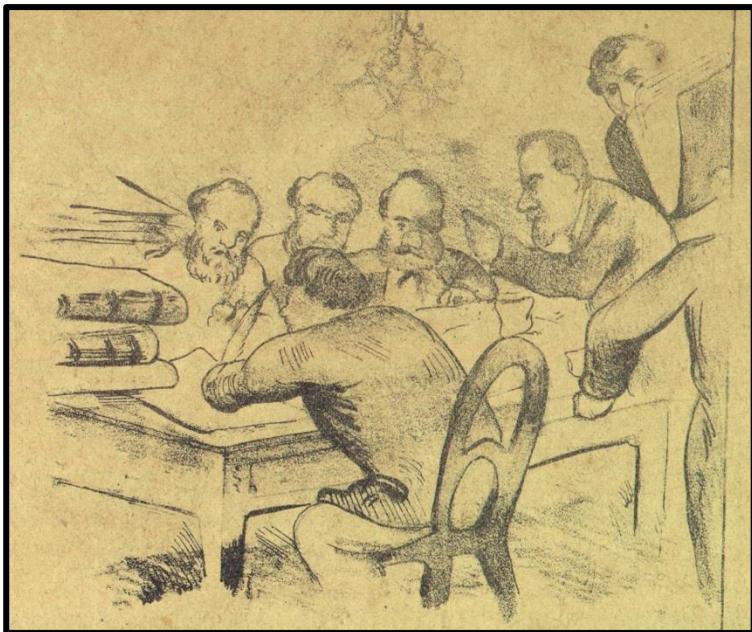
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

outro funcionário, o bobo, com ar debochado, dava a notícia de sua demissão, dizendo que isso ocorrera porque “a moralidade o reclamava” (MARUÍ, 7 maio 1882).





CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

O *Século* teve uma significativa longevidade, embora tenha permanecido como publicação ilustrada e humorística apenas no primeiro lustros de sua circulação, mantendo a crítica política e de costumes como tônicas de suas edições, de modo a tratar dos temas envoltos em torno da corrupção. Em uma dessas incursões, o periódico recorria à figura da vaca leiteira, pronta para ser usufruída pelos aproveitadores do erário público. No caso a referência era às verbas empregadas na edificação de uma ponte na capital gaúcha, as quais eram usufruídas sofregamente por personagens que esticavam tudo o que podiam as tetas, em busca de consumirem todo o “leite” possível. A legenda dizia: “É inesgotável o ubre deste desventurado animal! É um chupar sem alívio” (O SÉCULO, 28 ago. 1881). Homens metamorfoseados com cabeças de asnos e o simbolismo em torno desse animal eram os personagens de outra caricatura que apontava para “os repassados”, no sentido daqueles que estavam impregnados de ações corruptas, deixando para trás a “dignidade” e a “honra”, para navegar no “mar da pouca vergonha” (O SÉCULO, 13 nov. 1881). O recurso à invocação de animais voltava às páginas do semanário, ao apontar para o domínio pleno das lideranças partidárias sobre seus sectários, os quais eram confundidos com obedientes carneiros, em referência à mansidão²⁰, para depois ocorrer “uma metamorfose” e todos se tornarem cães famintos – observados pelo viés mais vil, na condição de animais impuros²¹ – prontos para esvaziar os cofres públicos,

²⁰ CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Editora Moraes, 1984. p. 182.

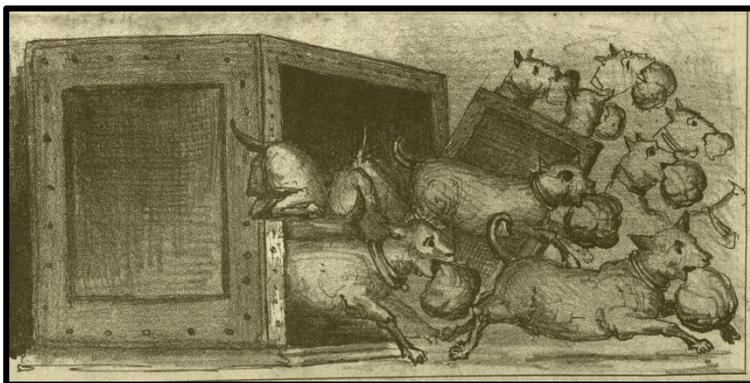
²¹ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 180.

restando a sutil constatação de “pobre erário” (O SÉCULO, 19 mar. 1882).



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX





A imagem do asno retornava às páginas do *Século*, mas desta vez já morto, em estado de putrefação, em alusão à podridão em determinado setor do serviço público, com um indivíduo cutucando-o de longe, para não se sujar. Tal desenho era seguido pela explicação: “Pelo último pacote seguiu a comissão de fazenda que

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

vai syndicar as ladroeiras na alfândega de Uruguaiana. É o caso de dizer-se: depois do asno morto..." (O SÉCULO, 2 abr. 1882). O periódico retratou também os parlamentares gaúchos como se fossem perus, por causa de sua capacidade "mais prolífica"²², em sinal da multiplicação de políticos que devoravam o dinheiro público na forma de subsídio, deixando o "comedouro" vazio. Diante da cena, o comentário era: "A peruada, depois de passar muito tempo em santo ócio a engolir o milho da província, apresenta-se agora de papo cheio..." (O SÉCULO, 21 maio 1882).

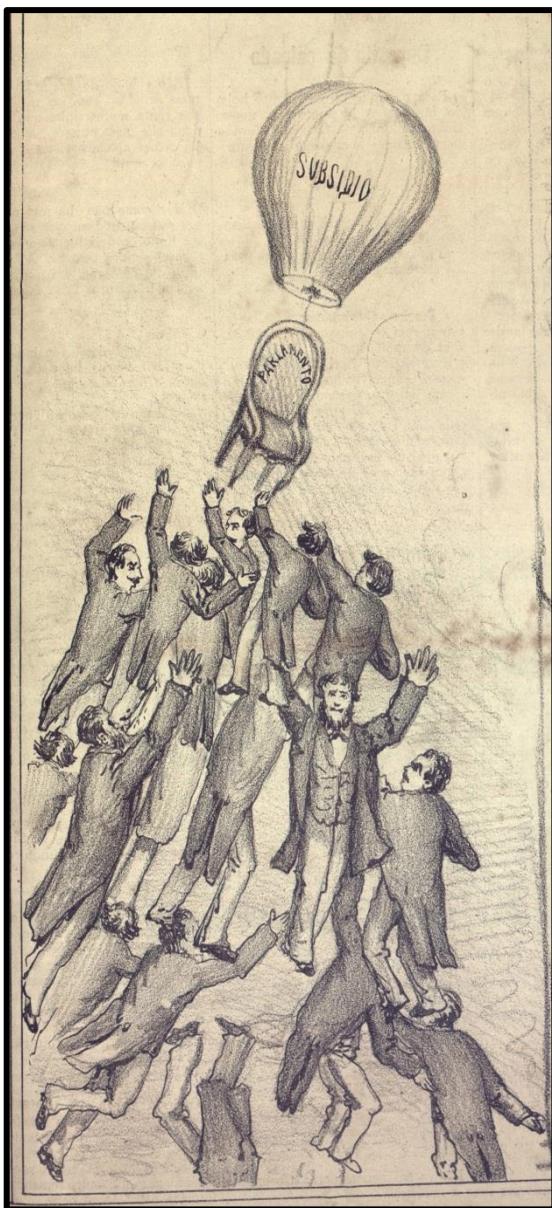


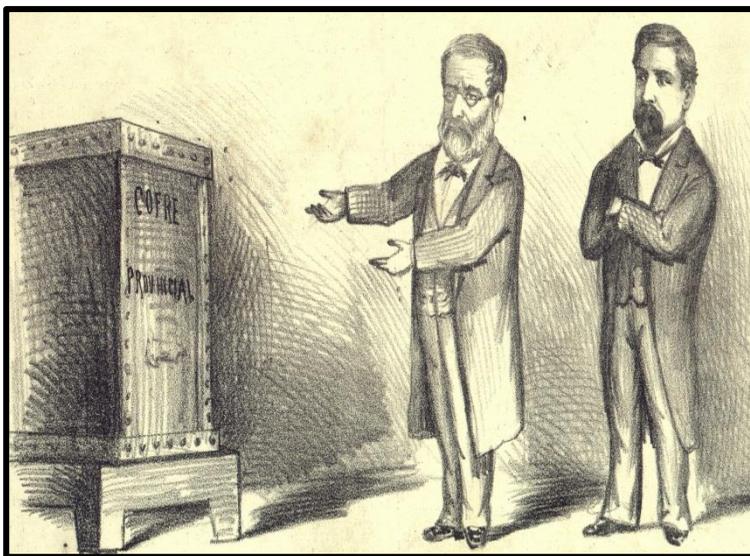
²² CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 714.



Ainda com base na ideia da ânsia pelo acesso ao poder, o semanário mostrava os pretendentes a uma cadeira no parlamento – que pairava no ar, levantada pelo balão do subsídio – não medindo esforços e se engalfinhado entre si, em busca de atingir seus intentos (O SÉCULO, 18 jun. 1882). A chegada ao poder vista por um homem público como a melhor forma de acessar os cofres públicos foi outra denúncia caricatural da folha ilustrada porto-alegrense, ao apresentar uma comprometedora conversa entre pai e filho. No diálogo, aquele dizia: “Agora não temos mais parente pobre; o povo facilitou-me aquele cofre...”; ao que este respondia: “Cuidado, papai, não vá fazer alguma asneira; *vosmecê* é capaz de querer mudá-lo para casa”; vindo o pai a concluir: “Para a casa não, mas para o armazém do Sr. Augusto”; em clara manifestação do tratamento da coisa pública, como se fosse privada (O SÉCULO, 26 nov. 1882).

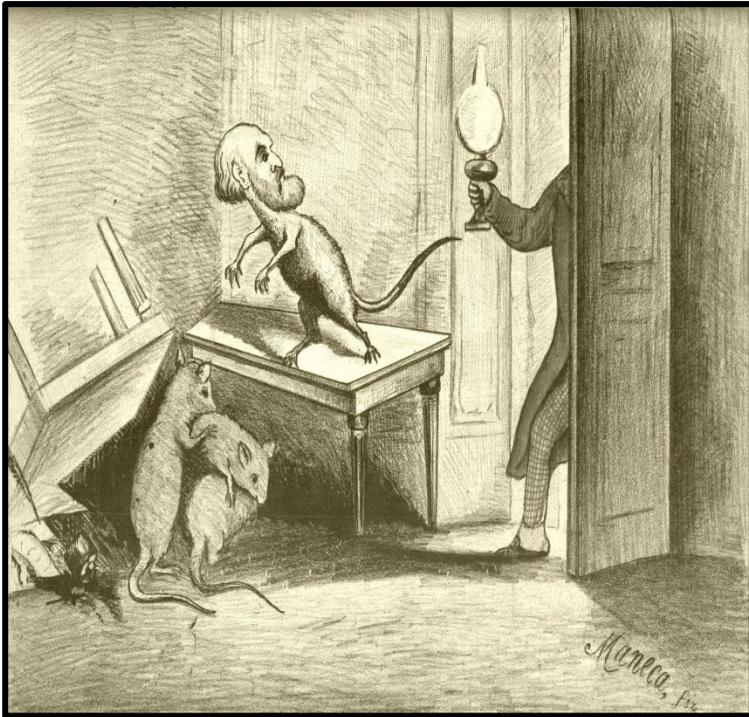
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX





Em outra representação iconográfica elaborada a partir da arte caricatural, a personificação do periódico, explicitada na figura do bobo da corte em trajes contemporâneos, só aparecia em parte, ao passar por uma porta, mas, o mais importante era a lamparina que carregava na mão, colocando-a à sua frente, como a iluminar um ambiente escuro, bagunçado e dominado por ratos, um deles inclusive com a cabeça humana, em evidente referência à presença de indivíduos corruptos. Nesse sentido, o personagem teria vindo “derramar luz nesta cova, fazendo as ratazanas correr espavoridas” (O SÉCULO, 12 jun. 1883).

CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



A vida político-partidária nacional foi encarada pelo hebdomadário mais uma vez como na imagem dos políticos – especificamente liberais e conservadores – avançando para usufruir das benesses públicas, sendo eles representados por terneiros que se aproveitavam para mamar nas tetas da “mãe-pátria”, ao passo que aquele que designava os republicanos ainda não havia atingido o mesmo intento, esperando com cara desenhada por sua oportunidade. A legenda era bem detalhada: “É este o quadro que verdadeiramente representa o nosso país, o país dos *terneiros mamões*”, no qual “não há patriotismo” e “os partidos falam muito na

mãe-pátria, mas só o que querem dela é a maminha". Nesse quadro, "liberal e conservador chupam com vontade, o republicano, coitado, a pender de magro, só espera o momento azado de mandar-se dizer na *teta*", pois, "em suma, ele, como os outros dois, não passa de terneiro mamão, e terneiro esfaimado!" (O SÉCULO, 14 out. 1883).

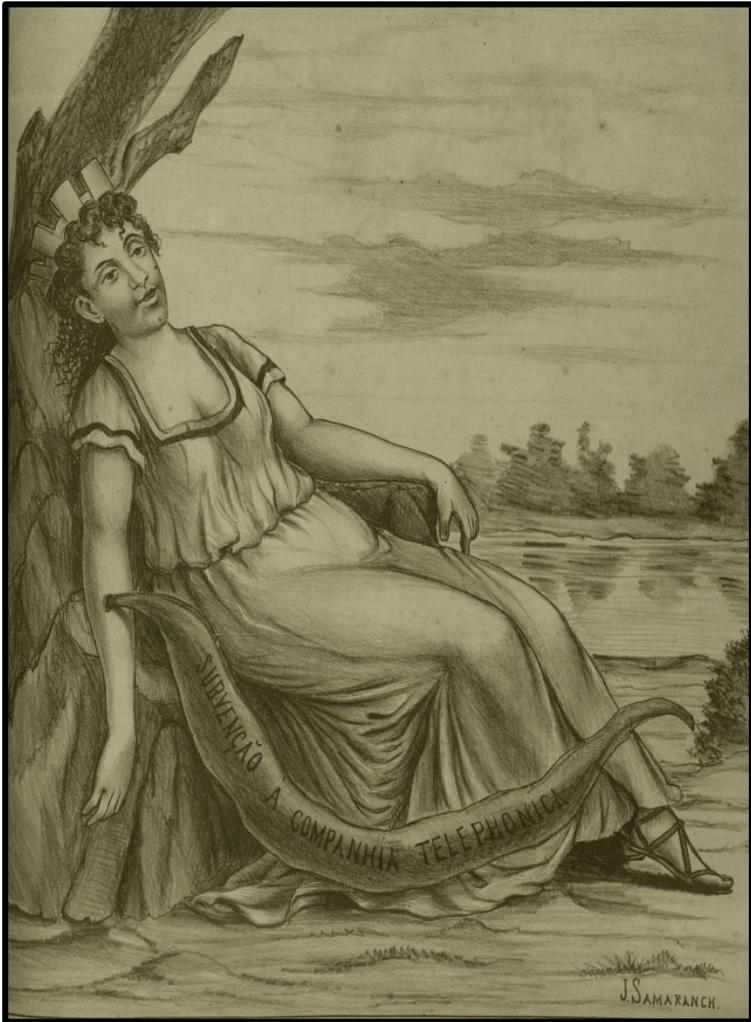


CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

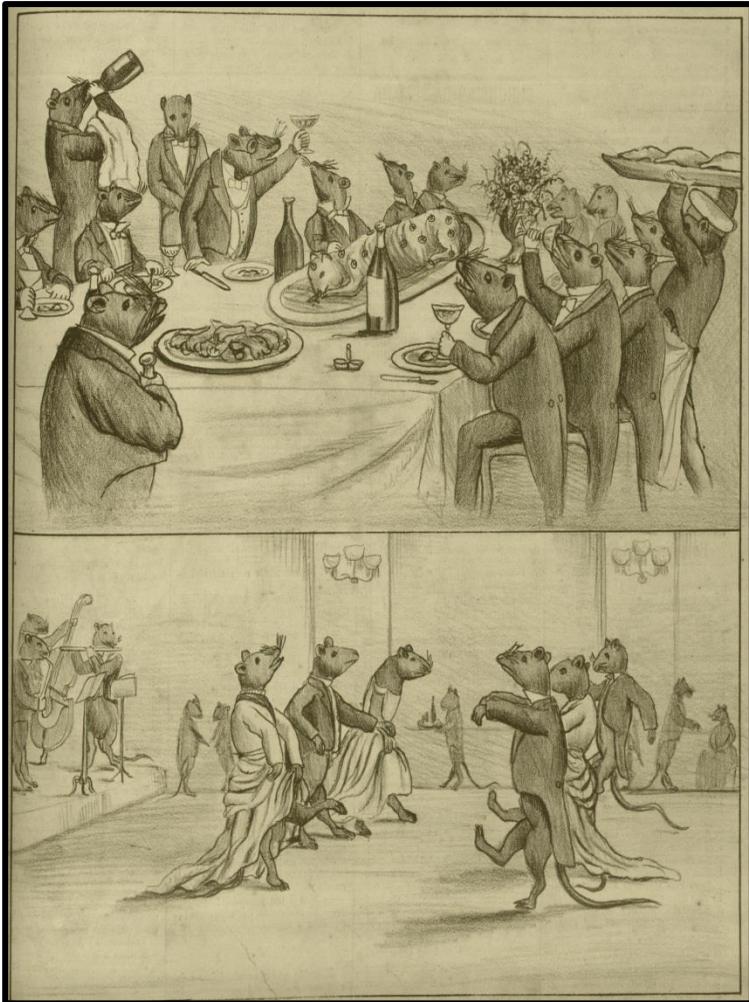
Em linha próxima, quanto à ideia de locupletação por meio do dinheiro público, a província do Rio Grande do Sul era representada por uma dama, cuja energia era sugada por um verme, o qual designava a subvenção destinada à prestação de um serviço público. Como a imagem do verme traz em si “a etapa primordial da dissolução” e “da decomposição”²³, o periódico buscava demonstrar os grandes prejuízos trazidos à vida pública, ao constatar que “mais uma grande bicha vai sugar o sangue da província” (O SÉCULO, 16 mar. 1884). Os ratos voltavam a identificar os autores de malfeitos e seus apoiadores, aparecendo a banquetear, a comemorar e a dançar alegremente, uma vez que “os ratões” estariam “festejando a elevação do seu companheiro ao alto cargo de vice-presidente” (O SÉCULO, 12 jun. 1884).

²³ CHEVALIER & GHEERBRANT, p. 943.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



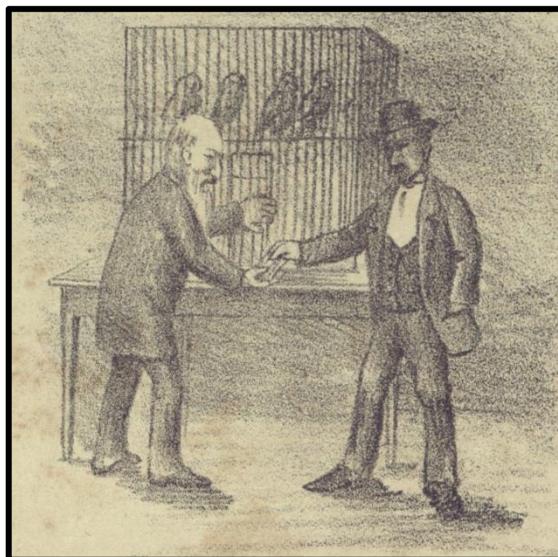
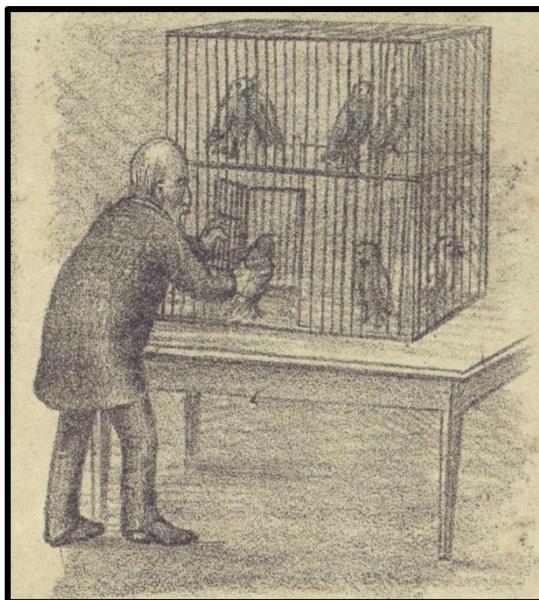
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

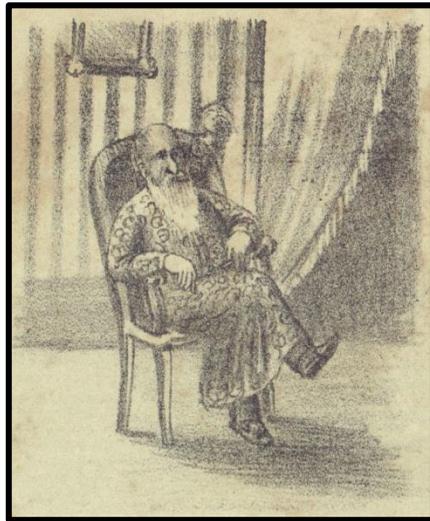
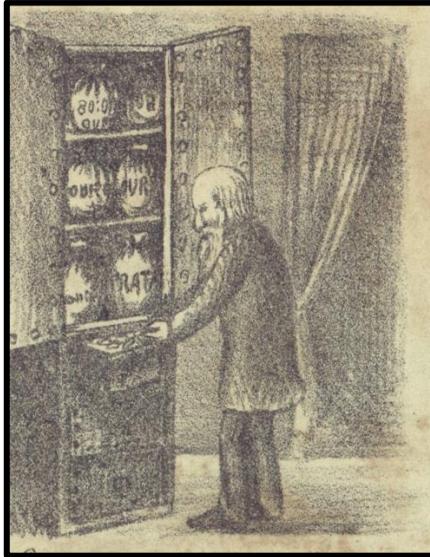


Defensora do ideário antimonárquico, *A Ventarola* concentrou esforços no sentido de apontar os propalados erros do regime imperial, não deixando de fazer referências aos atos corruptos. Em um desses casos,

a folha buscava demonstrar ações ilícitas de parte de autoridade pública policial, a qual não se importava com as razões que teriam levado alguém à prisão, uma vez que tal “*pobre mortal* não indaga a ordem de quem são os pássaros que vão para a gaiola”, mas, por outro lado, “*o que lhe dá que pensar*, e o que ele procura saber é a ordem de quem são os pássaros soltos”, ou seja, “quer dizer que a entrada ali é franca, na saída é que está o buzilhão”, em clara indicação de que o indivíduo havia aceitado suborno para promover alguma soltura. Em outra cena do conjunto caricatural, o personagem em pauta aparecia maravilhado com a quantidade de dinheiro que possuía em seu cofre particular, representando as “ótimas circunstâncias monetárias” em que ele se encontrava; para depois aparecer confortavelmente sentado em uma cadeira, surgindo, “a boca cheia” o comentário de que “o marreco tem uma verba anual superior a de um senador” (A VENTAROLA, 11 nov. 1888).

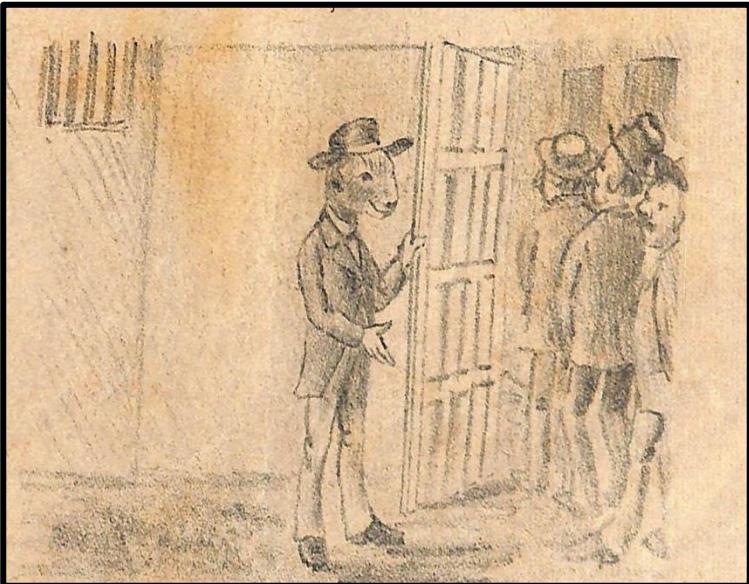
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX



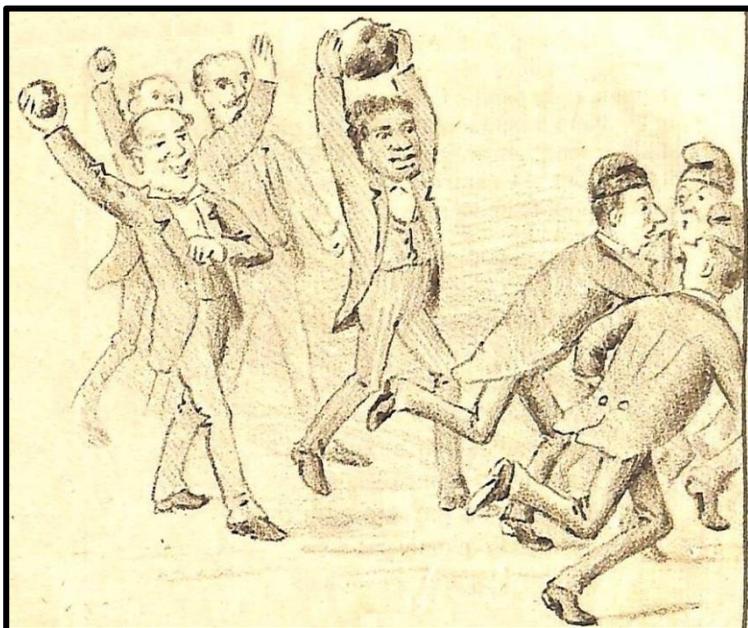
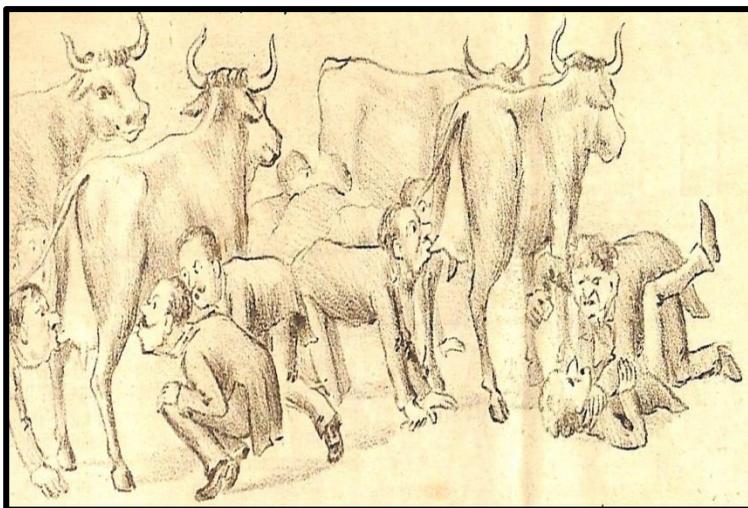


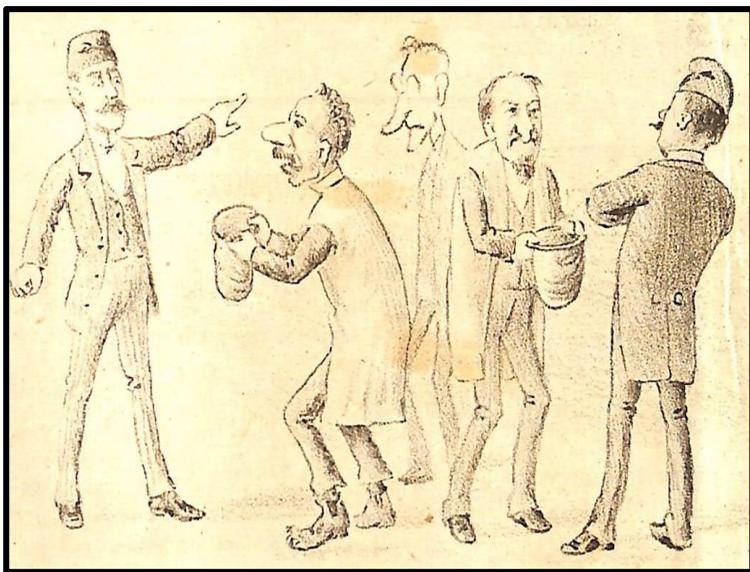
CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

Ao lado das denúncias contra a violência policial, chegando a extremos no tratamento da população, o periódico identificava que no âmbito do mesmo funcionalismo havia malfeitos. Assim, identificou um subdelegado que, “tendo conhecimento das façanhas policiais”, em relação aos exageros, “trancafiou no buque quatro mélicos”. De acordo com tal perspectiva, e ainda na mesma guarnição, se referia a um indivíduo, que aparecia na forma de lobo em pele de cordeiro, sendo apontado que “ele tem *engordado* com as falcatruas policiais”, além da constatação de que tal alferes “em breve vai comprar um palacete para residir”, em pleno descompasso com seus ganhos profissionais (A VENTAROLA, 31 mar. 1889). Já durante o período republicano, o hebdomadário criticou profundamente os adeptos de última hora da nova forma de governo, que, por serem adesistas, estariam agindo em prejuízo dos denominados republicanos históricos, uma vez que suas pretensões eram apenas de continuar locupletando-se com a permanência no poder e usufruindo dos bens públicos, ação mais uma vez representada por vacas leiteiras. Nessa linha, de acordo com a folha caricata, o que tais indivíduos queriam era “mamar fartamente nas tetas do Estado, já que estamos no período das vacas gordas”. Além disso, eles eram chamados de “abissínios, que ainda ontem apedrejavam os mais conspícuos representantes da ideia democrática”, passando no presente a ser “miseros pretendentes”, que vinham “de sacola em punho implorar a misericórdia dos vencedores”, quando deviam, isto sim, era tratar “de meter a viola no saco” e recolher-se “aos seus penates” (A VENTAROLA, 1º dez. 1889).



CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO
GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX





CONCEPÇÕES CARICATURAIS DA CORRUPÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL DO SÉCULO XIX

Assim, a corrupção transformou-se em um fenômeno que acompanhou a formação histórica brasileira, de modo que, “mudam os governos, mudam os apelidos dos poderosos, desaparecem da memória nacional o significado das siglas oficiais” e, no entanto, “a corrupção não sofre, a bem dizer, qualquer solução de continuidade”²⁴. Perante tal circunstância, “a cultura cômica”, como “cúmplice do divertimento coletivo, incrementou o papel subversivo do riso e da sátira na crítica aos privilégios e ao poder estabelecido”²⁵. De acordo com tal perspectiva, a caricatura desempenhou sua vocação crítica, como foi o caso dos periódicos ilustrados e humorísticos rio-grandenses-do-sul, ao tecerem ferrenhas censuras para com os desmandos corruptivos da vida pública desde as décadas finais da época imperial até os primórdios da republicana.

²⁴ CAVALCANTI, Pedro Rodrigues de Albuquerque. *A corrupção no Brasil*. São Paulo: Siciliano, 1991. p. 118.

²⁵ SALIBA, Elias Thomé. Humor e esfera pública. In: SALIBA, Elias Thomé; VIEIRA, Thais Leão & ALMEIDA, Leandro Antonio. *Além do riso: reflexões sobre o humor em toda parte*. São Paulo: LiberArs, 2021. p. 28.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2025



BIBLIOTECA
RIO-GRANDENSE



9 786553 060043

ISBN: 978-65-5306-004-3